

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

Nº 71 24 de Outubro de 2001 Quinzenal

Director: Sérgio Alves

Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Distribuição Gratuita

Universidade em ruptura

A Universidade de Coimbra vive dias difíceis. Na sequência dos cortes orçamentais definidos pelo Ministério da Educação, o normal funcionamento da instituição ficou colocado em causa, subtraídas que foram verbas essenciais.

Páginas 2 a 4

FCDEF

Faculdade de Desporto continua a navegar em dificuldades. Alunos queixam-se da falta de condições e apontam o dedo ao Conselho Directivo.

Página 5

Latada

De 25 a 30 de Outubro, Coimbra vive mais uma Festa das Latas. A CABRA faz a antevisão.

Páginas 9 a 13

Tagv

O palco mais privilegiado de Coimbra sopra 40 velas e celebra a sua história com espectáculos pelo ano lectivo fora.

Página 14

Carlos Alberto Moniz

O Ciclo de Quartas Coimbra Jazz já conta com cinco edições. A aposta nos valores nacionais continua, a par de novidades estrangeiras.

Página 15



Cortes orçamentais implicam menos 832 mil contos

Universidade de Coimbra à deriva

A Universidade de Coimbra vive dias difíceis. Na sequência dos cortes orçamentais definidos pelo Ministério da Educação, o normal funcionamento da instituição ficou colocado em causa, subtraídas que foram verbas essenciais.

Sérgio Alves

No passado mês de Agosto, o Ministério da Educação comunicou às universidades a cativação de 5% dos valores orçamentais que lhe estavam destinados. No caso da Universidade de Coimbra (UC), esta percentagem implica a chegada de menos 832 mil contos necessários ao funcionamento da universidade e menos 119 mil contos para os Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). As suas directas implicações não se fizeram esperar.

O ano lectivo 2001/2002 começou, na Universidade de Coimbra, de forma agitada. Na sequência dos cortes orçamentais definidos pelo Governo em Agosto último, ficaram cativadas verbas fundamentais ao normal funcionamento da instituição. Em números redondos, a UC deixou de receber nos seus cofres 832 mil contos, enquanto os SASUC se viram privados de 119 mil contos. Uma situação que depressa catapultou uma série de problemas estruturais de fundo um pouco por toda a universidade.

O reitor da UC, Fernando Rebelo, é peremptório ao admitir este leque de dificuldades: "A falta de verbas motivada pela retenção dos valores que nos estavam destinados criou obviamente uma série de dificuldades e problemas graves no funcionamento normal da Universidade de Coimbra, problemas esses que em algumas unidades tomaram proporções bastante graves". Neste particular aspecto, Fernando Rebelo refere a situação específica actualmente vivida na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC (FCTUC).



Universidade de Coimbra de novo em dificuldades

"Estes cortes tiveram na FCTUC consequências gravíssimas". No entanto, o reitor da UC afasta a hipótese de displicência na gestão e acautelamento da situação: "Talvez tenham existido problemas internos mas atribuo preferencialmente o facto à dimensão de uma unidade com a natureza da FCTUC com todos os problemas estruturais que daí poderão resultar".

Evolução na continuidade

A maior complexidade da situação actual deve-se sobretudo, nas palavras de Fernando Rebelo, ao estado já de si debilitado da tesouraria da universidade: "Se víssemos uma situação financeira folgada não teríamos dificuldades em compensar a ausência destas verbas com outros valores. Acontece que, simplesmente, a realidade diz-nos que não temos margem de manobra e capacidade financeira que nos permita ultrapassar com naturalidade um corte de 5% no orçamento da universidade".

Esta situação de debilidade da tesouraria deve-se, sobretudo, ao défice de verbas que, de acordo

com a fórmula de financiamento negociada com o Ministério da Educação em 1993, deviam ter chegado entretanto, e ao longo dos anos, aos cofres da UC. Contrariamente à prometida aproximação progressiva em relação ao orçamento padrão, tem-se vindo a verificar exactamente o oposto: os valores destinados à Universidade de Coimbra têm vindo a afastar-se do orçamento padrão, diferença esta que já chegou a somar dois milhões de contos.

"Os actuais cortes vêm simplesmente na continuidade da política de desinvestimento no ensino superior público e na educação". Quem o refere é Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) para quem o actual quadro não é, de todo, inesperado. "Há já muitos anos que os estudantes vêm chamando a atenção para esta situação, estando agora à vista de todos a importância que este Governo atribui à educação, quando depois de um erro orçamental cometido por outros, a necessidade de contenção orçamental vem essencialmente penalizar a educação com um corte três vezes su-

perior àqueles verificados nos restantes sectores públicos".

Situação de ruptura

Em sintonia com Fernando Rebelo, o presidente da DG/AAC destaca, dentro do universo da UC, as maiores dificuldades sentidas em certas unidades específicas: "Em certos casos já entramos em ruptura".

Nas palavras de Humberto Martins, até ao fim do ano civil viver-se-á, em grande parte dos casos, uma situação de gestão e de manutenção enquanto que noutras situações mais graves, existe já um prejuízo objectivo, expresso desde logo pela impossibilidade da existência de aulas práticas que se verifica em alguns departamentos.

"Toda esta realidade vem corroborar o que vem sendo denunciado pelos estudantes. Talvez agora nos prestem mais atenção". Abordando uma eventual concertação no que se pretende que seja o continuar da denúncia do actual estado do ensino superior, Humberto Martins refere o documento aprovado recentemente em Senado bem como de uma moção con-

junta votada por associações de estudantes, sindicatos de docentes e sindicatos de não docentes como um indicativo da consciência colectiva de um conjunto de problemas que afecta actualmente o dia-a-dia das instituições. "Essa concertação existe e portanto cabe agora às diversas entidades cumprir o seu papel específico dentro desta luta. No que respeita a acções de contestação da nossa parte, faremos aquilo que nos compete" (ver caixa).

O reitor da UC rejeita uma política de confronto aberto com o Governo, defendendo antes aquilo que se deve constituir como uma tentativa permanente de conseguir demonstrar às entidades competentes a realidade da Universidade de Coimbra, procurando despertar a "sensibilidade para as questões fundamentais que nos afectam, sensibilidade essa que só a espaços vamos verificando".

Pese embora a complexidade da situação, espera-se que até final do ano sejam desbloqueadas verbas que permitam a resolução das questões mais prementes. E se 2001 foi um ano complicado, tudo indica que 2002 não trará uma situação mais desafogada. No caso do orçamento de 2002 ser idêntico ao deste ano, o que já foi adiantado pelo secretário de estado do ensino superior, as dificuldades na sua grande maioria manter-se-ão. "É impossível estar preparado para responder a uma situação dessa natureza já que dizer-nos que o crescimento é zero implica necessariamente dizer que a universidade, pura e simplesmente, não pode crescer. Não se está a respeitar a dinâmica própria da instituição", refere Fernando Rebelo.

Tudo indica que, para já, o Ministério da Educação terá garantido à Universidade de Coimbra, para o ano de 2002, um crescimento orçamental na ordem dos 3,24%. No caso de este crescimento não se verificar, o reitor é claro: "As verbas distribuídas este ano não vão ser suficientes".

A luta continua, depois da Assembleia Magna, a rua!

Atenções da universidade convergem para cortes orçamentais

Os cortes orçamentais do Orçamento de Estado (OE) de 2001, para o ensino superior, já se fazem sentir na Universidade de Coimbra (UC). Entre departamentos em que aulas práticas deixarão de ser leccionadas, ou em que o segundo semestre ainda não foi assegurado, as consequências e problemas multiplicam-se e generalizam-se.

Para Humberto Martins, presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, "aconteceu um compromisso polí-

tico que é uma vergonha para o Estado". Ainda segundo o mesmo, "estes cortes são actos continuados do desinvestimento verificado ao longo dos anos no ensino superior". A UC, "que já se encontrava na linha de água, mergulha agora abaixo dessa linha, quando já não tinha capacidade para reagir a qualquer tipo de cortes", remata Humberto Martins. O reflexo perfeito dessa incapacidade foi a cerimónia de Abertura Solene das Aulas, em que chovia na Sala dos Ca-

pelos.

Agendada para o próximo dia 23 está a primeira etapa de contestação. Terá a forma de uma Assembleia Magna (AM) a realizar no Teatro Académico Gil Vicente. A AM servirá "para aferir sobre a tomada de posição global de toda a academia em relação a este sério ataque à dignidade e qualidade do ensino superior", nas palavras de Humberto Martins. Os principais pontos de discussão desta AM serão pois: a conjectura actual do en-

sino superior, e a tentativa de se delinear uma reacção clara em relação a estes cortes e uma reacção ou condicionamento do que poderá ser um mau orçamento para 2002.

Segundo Humberto Martins, esta AM insere-se na estratégia de auscultação a realizar nas várias academias sobre este tema, delineada no último Encontro Nacional de Dirigentes Associativos (ENDA). No itinerário contestatário deste ENDA foi agendado também o início de um período de pro-

testos simbólicos, que culminarão com uma presença dos estudantes do ensino superior em frente à Assembleia da República em meados de Novembro. Presença essa que "não terá o figurino exclusivo de manifestação", afirma Humberto Martins, e servirá para alertar o país para a corrente situação do ensino superior. Uma das formas de contestação preconizadas no último ENDA será a votação pelos estudantes de um OE ideal para o ensino superior.

Orçamento a balões de oxigénio

Cortes e tesouradas no superior

Com a perplexidade provocada pelos cortes orçamentais na educação, A CABRA foi auscultar as opiniões dos Núcleos de Estudantes dos departamentos da FCTUC mais afectados, assim como a de Luzio Vaz, administrador dos SASUC.

Manuel Eduardo
Mário Guerreiro



As aulas laboratoriais estão em causa em alguns departamentos

ques, é o de alguma confusão e incerteza, “equacionando partir para medidas de força se as coisas não se modificarem”.

Bioquímica sem soluções

Já em Bioquímica, diz Ricardo Carvalho, aluno e membro do Conselho de Departamento de Bioquímica, “o facto de termos sempre contado com uma verba a rondar os doze mil contos e agora essa ter sido reduzida, empenhou-nos em 2800 contos, isto só em facturas devolvidas pela faculdade”.

No que diz respeito ao material básico, está a ser facultado mediante a boa-vontade dos fornecedores.

No caso específico das aulas práticas, estas apesar de não funcionarem convenientemente, devem a sua qualidade aos docentes que “transferem” dinheiros dos seus projectos para as mesmas, “já que o custo de algumas pode ir até 200 contos”. Outra área afectada é a das disciplinas de opção, “visto que algumas delas vão deixar de ter componente prática”.

Nas palavras de Ricardo Carvalho, “fazem-se muitas obras de fachada”. Segundo o mesmo, “a faculdade tem falta de espaço, mas o Laboratório Químico, ao invés de ser aproveitado para salas de aula, vai ser transformado em mais dois museus que ninguém vai ver”. Consta-se ainda que existem desvios do orçamento da faculdade para esses museus, pois estes “não têm orçamento próprio, e quem sofre são as licenciaturas e os discentes”. Contudo, é de referir que “apesar de todas as vicissitudes, o curso de Bioquímica é o melhor do país”, relembra Ricardo Carvalho.

Como medida de luta, os alunos de Bioquímica talvez venham a propor na próxima Assembleia Magna do dia 23, o congelamento da conta da FCTUC, como decidido em RGA. Esta seria pois, a maneira de colocar lado a lado docentes e alunos num objectivo comum.

Precaridade em Arquitectura

A barricada do ano passado trouxe exposição mediática aos problemas do Departamento de Arquitectura e pouco mais.

A tão prometida reconstrução da cobertura ainda não se realizou e as deficiências materiais sobejamente conhecidas mantêm-se. É pelo menos esta a opinião expressa por Paulo Vaz, presidente do Núcleo de Estudantes de Arquitectura da As-

sociação Académica de Coimbra (NUDA/AAC).

Com estes cortes orçamentais, a situação tende a piorar. Um dos exemplos dados por Paulo Vaz, relaciona-se com a existência de apenas uma ploter para cerca de quatrocentos alunos. Nas palavras do acima citado, “o facto de só termos esta ploter obriga-nos a esperar até dez horas para imprimirmos os nossos trabalhos, dormindo muitas vezes os alunos em cima de mesas para não perderem a sua vez”.

Segundo Bruno Gil, aluno de Arquitectura e colaborador do NUDA/AAC, o curso de Arquitectura “não é considerado muito dispendioso, já que são os alunos que financiam o material necessário”. Todavia tal não significa que não careça de investimentos regulares.

Bruno Gil também acha relevante para a imediata melhoria das condições de trabalho, o resultado da última avaliação dos cursos de Arquitectura pela Ordem dos Arquitectos. O curso de Arquitectura da FCTUC ficou em segundo lugar a nível nacional, com cinco anos de acreditação. Segundo o aluno acima mencionado, “tal resultado deve-se única e exclusivamente às condições humanas apresentadas e à promessa de melhoria de condições feita pela Reitoria”. Porém, essa acreditação esconde a verdadeira amplitude dos problemas. Ainda para Bruno Gil o cumprimento dessas promessas influenciará em muito o resultado da próxima acreditação.

Focos de incêndio nos SASUC

A CABRA foi também falar com Luzio Vaz, administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC) a propósito dos impactos presentes e futuros que os cortes no orçamento vão provocar nos SASUC.

Segundo Luzio Vaz, “o Estado fala em cultura e desporto, mas o apoio que nos está a dar neste ponto é zero; os apoios a repúblicas, secções, casas comunitárias... provêm todos das receitas próprias dos SASUC”. A situação é inédita, pelo menos de à quinze anos a esta parte. “É uma administração de apaga-fogos, bombeiral”. O administrador adianta ainda que “não se pode estabelecer um plano, na medida em que os apoios são, quando menos se espera, retirados”. A finalizar, o mesmo afirma que os SASUC estão esperançados com o repensar da posição do Governo, até porque o Ministro da Educação, Júlio Pedroso, conhece bem a área da Acção Social.”

Editorial

Sérgio Alves

1. Cortes orçamentais. É absolutamente incontornável ter que falar do mais recente, brilhante e perspicaz exercício de engenharia financeira da parte do Governo no que à educação, e ao ensino superior em particular, diz respeito.

No entanto, e apesar de toda a superior dose de brilhantismo emprestada ao desiderato, os cérebros financeiros ao serviço do Estado negligenciaram desta feita um pequeno pormenor: a subtileza. A mesma subtileza com que ao longo dos últimos anos vêm retendo, gradual e progressivamente, uma percentagem das verbas que deviam estar destinadas às universidades, prometidas em 1993 através desse conceito matemático a que deram o nome de “Orçamento Padrão” e que, desde então e até hoje, jamais foi respeitado. A mesma subtileza, também, com que foram exigindo propinas em nome do pretensso aumento da qualidade do ensino e que, posteriormente, acabaram afinal por ser utilizadas na aquisição de papel higiénico, canetas e afins, compensando desta forma as insuficiências orçamentais que, ano após ano, se foram verificando e acentuando. Ou então a forma como arranjaram a figura do “Contrato de Qualidade” sem que pareçam ter consciência da forma como alguma vez vão cumprir e aplicar o seu regime. Desta vez, porém, tudo foi feito de uma forma clara e descomplexada, atingindo o que era suposto ser inatingível. Por mais que tentem, não vão conseguir disfarçar as aulas que não podem começar ou os livros que não vão poder ser comprados. Não vão conseguir disfarçar o indifarável prejuízo que está a ser causado a centenas de estudantes, para não dizer milhares. Está tudo à vista para quem quiser ver. E parece que desta vez, em virtude da falta de subtileza, já há mais alguém a querer ver, já há mais alguém a não querer entrar na eterna lógica da desculpabilização. Desta vez já ouvimos a voz indignada dos sindicatos dos docentes e dos sindicatos dos não docentes, talvez porque só agora os problemas lhes começaram directamente a dizer respeito, talvez porque só agora os seus vencimentos começaram a ser colocados em risco. Parece que, finalmente, há mais alguém ao lado dos (im)pertinentes “guerrilheiros em part-time”. Aqueles que vão sendo obrigados a (sobre)viver nestas condições, sem que lhes sejam garantidas mudanças de alguma ordem. Antes pelo contrário. O secretário de estado do ensino superior teve o gentil cuidado de anunciar recentemente que o orçamento para 2002 será idêntico ao orçamento de 2001 com os cortes incluídos, obviamente, adiantando ainda num laivo de genialidade que o “eventual transtorno” que as cativações tenham causado às instituições devem-se, única e exclusivamente, à surpresa que causaram. No próximo ano, e porque as universidades já estarão à espera das reduções orçamentais, nenhuma das dificuldades verificadas este ano se voltarão a sentir. Nada mais lógico. Nada é mais natural do que deixarmos de sentir fome pelo simples facto de sabermos de antemão que nada temos para comer.

2. O Jornal Universitário - A CABRA abre nesta edição um dossier sobre a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Fazêmo-lo porque julgamos que, na medida do possível, devemos tentar encontrar respostas para todas as perguntas que vão sendo feitas, de forma mais ou menos evidente, da forma mais ou menos correcta. Não é, como nunca foi, propósito deste jornal lançar questões sem que, posteriormente, lhes dê a devida sequência e um tratamento objectivo, rigoroso e credível. É por isso um inalienável ponto de honra desta publicação esclarecer, criteriosamente e até onde for possível, o porquê dos alunos da FCDEF não terem ainda uma faculdade e o porquê da existência de sucessivas vozes que dão conta de uma série de situações, procedimentos e intervenções, no mínimo, pouco claras.

O significado dos cortes orçamentais na Universidade de Coimbra (UC)

Orçamento - 5% = Endividamento

As deficiências orçamentais da UC estão a complicar o normal funcionamento desta centenária instituição, gerando uma situação de défice orçamental insustentável. A equação é simples, os números nem por isso. Numa tentativa de desmistificar esta polémica, A CABRA explica os números e clarifica a metodologia da política de financiamento do ensino superior.

Márcia Oliveira

O financiamento do ensino superior está agora mais do que nunca na ordem do dia. Estado e instituições do ensino superior debatem-se uma vez mais num início de ano lectivo controverso. Em causa: o corte orçamental de 2001 e a preparação do orçamento de 2002, que representa um decréscimo equivalente a 5% da totalidade do orçamento de funcionamento concedido às universidades no ano anterior. Os cortes, que este ano são três vezes superiores àqueles aplicados à generalidade da Administração Pública traduzem-se num total de seis milhões de contos, e deixaram as associações académicas e de estudantes de todo o país em alvoroço. As consequências desta diminuição no funcionamento das instituições acentuam muitas das preocupações que nos últimos anos têm acometido os estudantes do ensino superior público. Longe da acérrima luta contra o pagamento de propinas, hoje fala-se sobretudo no incumprimento da Lei de Bases do Ensino Superior aprovada no dia 31 de Julho de 1997 e numa crescente desresponsabilização financeira do Estado relativamente às questões do ensino.

Glossário

Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior Público

Lei nº 113/97 que define as bases do financiamento do ensino superior público. Está definido no documento desta lei que a sua execução deve ser assegurada pela dotação do Orçamento de Estado relativa ao Ministério da Educação.

Orçamento padrão

Aquele que correspondente, em cada instituição, ao somatório dos custos padrão por estudante e por curso multiplicado pelo número de estudantes elegíveis de cada curso elegível, indica os recursos que se pretende afectar a cada instituição.

Estudante elegível

Todo aquele que, cumulativamente, está em condições de concluir o respectivo

curso, desde que elegível, no caso de bacharelatos e licenciaturas com a duração de quatro anos, até ao final do segundo ano seguinte ao do termo da sua duração normal; no caso de licenciaturas com duração superior a quatro anos, até ao final do terceiro ano seguinte ao do termo da sua situação normal, seja aplicada ou não na respectiva instituição um regime de prescrições.

Curso elegível

Aquele que é registado ou aprovado nos termos da lei e tem o respectivo financiamento assegurado pelo Estado.

Orçamento de funcionamento

Financiamento do orçamento de funcionamento das instituições de ensino superior em cada ano económico, fornecido pelo Estado. As dotações correspondentes são calculadas de acordo com uma fórmula

baseada no orçamento padrão, tendo em conta os custos padrão e indicadores e padrões de qualidade equitativamente definidos para o universo de todas as instituições.

Orçamento de investimento

Às instituições de ensino superior o Estado assegura os investimentos necessários ao crescimento harmónico e sustentado do sistema, dando prioridade a áreas estratégicas do desenvolvimento.

Contratos de desenvolvimento

Formalização dos investimentos a que se refere o orçamento de investimento. Têm a duração mínima de cinco anos e reportam-se a áreas de intervenção ou objectivos estratégicos em relação aos quais haja entendimento entre o Estado e as instituições.

9% e 10%, até aos 12% verificados em 2001. A proposta inicial de orçamento de funcionamento da Universidade de Coimbra para 2002, e a verificar-se a sua execução, corresponderá a uma diminuição real de 5 a 7% relativamente ao ano anterior.

A situação insustentável gerada pelos cortes no financiamento influem em todas as estruturas da universidade. Os Serviços de Acção Social da UC (SASUC), que gozam de autonomia financeira e administrativa relativamente à totalidade da instituição, também veem a sua actividade dificultada. Os gastos são muitos e os apoios escassos. Senão veja-se. Os SASUC têm por função a atribuição de bolsas de estudo (com as quais se gasta anualmente cerca de um milhão e meio de contos), manter o funcionamento das cantinas, snacks e grills (cujas despesas de pessoal ascende aos 900 mil contos), para além de ter que assegurar os compromissos de manutenção dos serviços. Todas estas despesas deveriam ser asseguradas pelo orçamento de estado, cujos dois milhões e 300 mil contos mal conseguem fazer face aos compromissos das bolsas e dos salários dos trabalhadores.

Por outro lado, concedem um apoio permanente aos estudantes. secções da AAC e repúblicas são alguns dos visados por estes subsídios que são apenas sustentáveis graças às receitas próprias dos serviços. Aqui o Estado veda a sua intervenção, bem como noutras áreas da sua competência. A dívida deste à educação aumenta com os cerca de 50 mil contos devidos aos SASUC na sequência dos aumentos salariais da função pública.

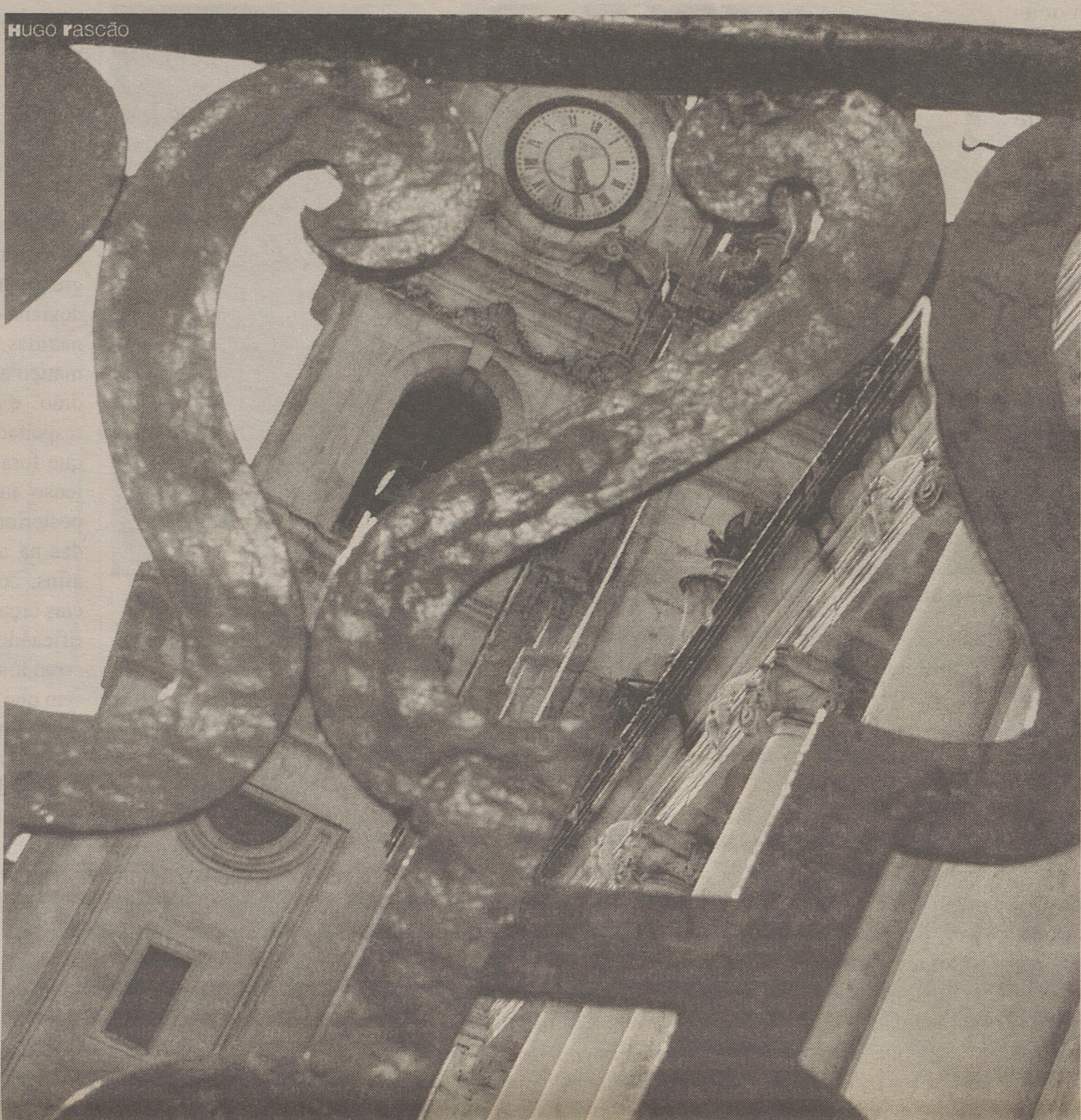
Os estudantes serão, na medida do possível, mantidos à parte da má situação financeira destes serviços administrados por Luzio Vaz que prefere manter as bolsas de estudo intactas, optando pelo endividamento junto dos fornecedores.

Contratos-programa

Contratos celebrados com as instituições de ensino superior para a prossecução, com horizonte temporal inferior a cinco anos, de objectivos concretos. Dentro destes contam-se programas para a melhoria da qualidade de ensino, apoio a projectos de investigação, apoio a cursos novos em fase de arranque, apoio ao encerramento de cursos e apoio a instituições em crise.

Contratos de qualidade

Inseridos na óptica do PPQ (Programa de Promoção da Qualidade), estes contratos destinam-se essencialmente a combater o insucesso escolar. A candidatura da Universidade de Coimbra a este financiamento pedia uma quantia de três milhões de contos. O subsídio atribuído a esta instituição ficou-se pelos 300 mil contos, dos quais apenas 30 mil foram efectivamente transferidos.



A paixão do governo pela educação presa atrás das grades do orçamento

Faculdade de Ciências do Desporto continua a navegar à deriva

Problemas e mais problemas

Nove anos e meio após a sua criação, a Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física continua a debater-se com graves dificuldades não só logísticas mas também administrativas.

Emanuel Graça

Nada. Nem uma única parede a que possam chamar casa. Esta é a situação que vivem diariamente os cerca de 400 alunos da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF), onde cada dia que passa é mais um dia sem salas, sem material pedagógicamente adaptado, sem as condições mínimas do que é considerado o ensino superior, enfim, sem uma faculdade própria.

Criada em 1992, esta instituição sempre enfrentou um grave problema de instalações físicas, com o sempre prometido e adiado projecto da Várzea da Boavista, junto ao Pólo II, a teimar em não arrancar. As necessidades são muitas, desde o espaço físico até à falta de funcionários (muitos são funcionários da Reitoria destacados), passando por um maior investimento no corpo docente de modo a diminuir a grande flutuação de professores existente.

Actualmente, esta faculdade funciona na sua maioria no Estádio Universitário de Coimbra, em Santa Clara, onde ocupa essencialmente o Pavilhão 3. No entanto, reparte ainda estes espaços com as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (AAC) e com várias escolas, o que vem dificultar ainda mais a existência de condições mínimas para o funcionamento da FCDEF. No que diz respeito às aulas teóricas, os alunos desta instituição têm de realizar diariamente uma autêntica gincana, com as instalações utilizadas pela faculdade

dispersas por toda a cidade, desde o Estádio Universitário até ao Pólo I, passando pelas piscinas de Celas, pelo Pólo II e pela própria Faculdade de Economia.

Para Tiago Pereira, aluno da licenciatura de Ciências do Desporto e Educação Física (a única a ser leccionada na faculdade) e membro do Conselho Directivo, seriam necessários cerca de quatro pavilhões, todos eles diferentes, para que tudo funcionasse correctamente. Por outro lado, refere que o próprio pavilhão utilizado não possui as características específicas necessárias às aulas práticas, existindo bastantes espaços desaproveitados.

Este aluno considera também negativo que a FCDEF se localize maioritariamente no Estádio Universitário, um espaço que tem como dever “servir toda uma comunidade universitária, além de escolas” e não as necessidades de uma instituição do ensino superior. Por outro lado, mostra-se reticente quanto à atribuição de salas de aula noutras faculdades, considerando até que ponto é que esta resolução poderá colmatar as lacunas existentes. Tendo em conta que a mudança dos serviços académicos, reprografia e biblioteca para o Pavilhão 3 facilitaram a vida aos alunos, “tapar buracos com estas salas” acaba por provocar novamente “uma maior dispersão” entre o corpo discente e a FCDEF.

No entanto, este aluno realça que a nível científico a faculdade, apesar das más condições que possui, está a dar uma óptima formação aos alunos. Tiago Pereira salienta ainda a forma como o programa Erasmus está a ser desenvolvido: numa faculdade em que entram anualmente 60 alunos, a frequência de alunos que partem em Erasmus é de cerca de 50 por ano, uma média elevadíssima. Por outro lado, destaca ainda a relação de proximidade exis-

tente entre alunos e professores, apesar do reduzido número de docentes que possui gabinete.

Construção da faculdade

Apesar de todas as diligências levadas a cabo pelos alunos, o certo é que o início das obras para a futura FCDEF se prevê ainda longínquo. Apesar da Reitoria afirmar que estas se vão iniciar já para o próximo ano para estarem prontas para meados de 2003, segundo os alunos, provavelmente antes de 2004/2005 não existirão quaisquer tipo de infraestruturas prontas a serem utilizadas.

No entanto, o Conselho Directivo da FCDEF já avançou com outras soluções, ou seja, a construção de um pré-fabricado junto ao Estádio Universitário, orçamentado em cerca de 100 mil contos. Porém, a Reitoria chumbou desde logo esse projecto, alegando que tal construção era inviável pois, além de atrasar o início das obras de uma faculdade de raiz, seria desperdiçar recursos numa solução provisória e sem o mínimo de garantias de condições. Mais: a Reitoria, em reunião com os alunos, apontou o dedo ao Conselho Directivo da FCDEF, acusando-o de não fornecer os dados necessários para se iniciarem os pedidos de subsídio junto às entidades competentes para o arranque das obras junto ao Pólo II.

Para Humberto Martins, Presidente da Direcção Geral da AAC (DG/AAC), o facto de os alunos de FCDEF estarem “alojados provisoriamente no Estádio Universitário, que não foi construído como estrutura de raiz para albergar o funcionamento de uma faculdade” é incompreensível. Pelo contrário, “não é por ser um curso de Ciências do Desporto e Educação Física que apenas precisa de espaços desportivos”. E remata: “o que é necessário pa-

ra a FCDEF não são mais remedições, não são mais soluções de curto prazo, soluções provisórias; é uma faculdade nova, é um conjunto de equipamentos que permita aos estudantes dessa mesma faculdade o direito ao ensino”.

Pressões administrativas

Por outro lado, há quem alegue a existência de um clima de terror e de jogos de interesses no interior da própria faculdade. Muitos são aqueles relacionados com a FCDEF que alegam a existência de perseguições por parte do presidente do Conselho Directivo, Paulo Coelho, a professores e alunos que se opõem à sua forma de gerir os assuntos internos da instituição. Paulo Coelho é identificado por muitos como uma espécie de “déspota”, exercendo pressões diversas a todos aqueles que se lhe opõem, o que talvez explique o medo em dar a cara que muitos têm quando se trata de falar nestas questões.

Por seu lado, os alunos queixam-se que muitos assuntos de relevância para a vida da faculdade são resolvidos à revelia do Conselho Directivo (que é constituído por quatro professores, quatro alunos e dois funcionários, todos com paridade no que respeita ao peso do seu voto), em atitudes unilaterais e arrogantes do seu presidente.

Segundo a DG/AAC, também lhe têm sido transmitidas várias queixas desta natureza. Porém, quanto a essa questão, Humberto Martins esconde o jogo, sem no entanto deixar de referir a recusa por parte do Conselho Directivo da FCDEF em reunir com a DG/AAC. Segundo ele, esta recusa deveu-se ao facto deste órgão de gestão considerar que não existe qualquer interesse da sua parte em discutir assuntos internos com a AAC.

Por seu lado, Ricardo Correia,

antigo membro do Núcleo de Estudantes da FCDEF, nega a existência de um clima de terror, preferindo falar em algumas situações pontuais, as quais prefere considerar como superadas. Porém, não esconde a existência de pressões administrativas por parte do Conselho Directivo sobre alguns professores que, estranhamente, já saíram. Ainda assim, realça as boas relações entre o Núcleo de Estudantes e este órgão, salientando o apoio dado por esta entidade às manifestações por melhores condições levadas a cabo pelos alunos.

Ainda os estágios

Após toda a polémica relativa às alterações das notas de final de estágio de 1999/2000, com o presidente da Comissão de Estágio, Francisco Sobral Leal, a ser acusado pelos alunos de ter alterado as classificações acordadas entre os orientadores de estágio sob o pretexto de uniformizá-las a nível de faculdade, os estágios parecem ter entrado numa situação de normalidade. Actualmente, existe um regulamento de estágio anual, no qual vem definido serem os orientadores de estágio da faculdade e das escolas os decisores, entre si, da nota final dos estagiários.

Porém, e ainda voltando a essa situação anormal, o certo é que as orientadoras de estágio da faculdade Cláudia Pinheiro e Inês Silva, as professoras cujas notas finais mais reservas levantaram junto do Conselho Directivo, acabaram por, algum tempo depois, abandonar a FCDEF. Em relação a estes abandonos, muitos são aqueles que alegam que elas foram vítimas de perseguições pessoais. No entanto, e o que soa a estranho, é que estas duas docentes eram conotadas entre os alunos como excelentes profissionais.



D.F.

E uma faculdade, para quando ? ...

102 alunos da FLUC excluídos

Estágios não são obrigatórios

Andar quatro anos a estudar, pelo sonho de vir a ser professor, para acabar sem estágio é uma realidade para alguns alunos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Os porquês e as soluções foi o que tentámos descobrir.

Carolina Ferreira
Sónia Joaquim

Todos os anos diversos alunos da FLUC ficam excluídos dos estágios pedagógicos no ensino. Dos cerca de 500 candidatos que se propuseram em Julho, 102 vão ter de esperar pela próxima oportunidade. "Haveria todo o interesse em garantir que todos tivessem estágios, só que as escolas não aceitam", revela Delfim Leão, presidente do Conselho Pedagógico da FLUC. Isto porque, na conjuntura actual de desemprego, há uma grande pressão das instituições escolares para reduzir os núcleos de estágio: em primeiro lugar está a colocação dos professores efectivos e, só depois, a dos estagiários.

Por outro lado, "a legislação não obriga a que todos os alunos tenham estágio", explica a vice-presidente do Conselho Directivo da faculdade, Maria Alegria. De acordo com o modelo "4+1", em vigor, o aluno é considerado licenciado ao fim de quatro anos de estudo. O estágio corresponde, portanto, a uma profissionalização, garantindo um segundo diploma. Esta orgânica aplica-se a todos os cursos da FLUC, excepto

Jorge Nande



Os alunos da Faculdade de Letras continuam sem garantias de estágio

a Jornalismo e aos ramos de Ordenamento do Território e de Estudos Ambientais da licenciatura em Geografia.

Maria Alegria acrescenta: "Os alunos, quando vão para o estágio, já são licenciados. Têm possibilidade de voar para outras paragens, para outras saídas, que não sejam propriamente o ensino". O modelo de licenciatura aberta permite, neste sentido, que o aluno não limite os seus horizontes ao ensino.

Aqueles que aspiram tornar-se

professores têm, no entanto, que passar obrigatoriamente por um estágio pedagógico numa escola. "É um direito de todos os alunos que optam pela via ensino terem estágio e é um dever do Ministério da Educação colocá-los a todos", reivindica Bruno Julião, um dos representantes dos alunos no Conselho Directivo da FLUC. Há já vários anos que os estudantes alertam os órgãos dirigentes para esta problemática.

Os factos em números

O ano lectivo 2001/02 apresenta o menor número de suplentes desde há 11 anos atrás. Isto resulta, por um lado, de um decréscimo de candidatos e, por outro, de um esforço da faculdade em arranjar estágio para todos. Este trabalho arranca logo em Fevereiro e dura até Julho, envolvendo uma vasta rede de escolas. Desta vez, cinco variantes ficaram totalmente preenchidas. Este fenómeno já não acontecia desde o ano lectivo 1990/91. Entre os cursos sem excluídos con-

tam-se Português-Francês, Português-Espanhol, Francês-Inglês, História e Filosofia. Em contrapartida, os cursos com mais suplentes são: Inglês-Alemão (49) e Português-Inglês (22). Nas restantes licenciaturas esses valores variam entre quatro e nove.

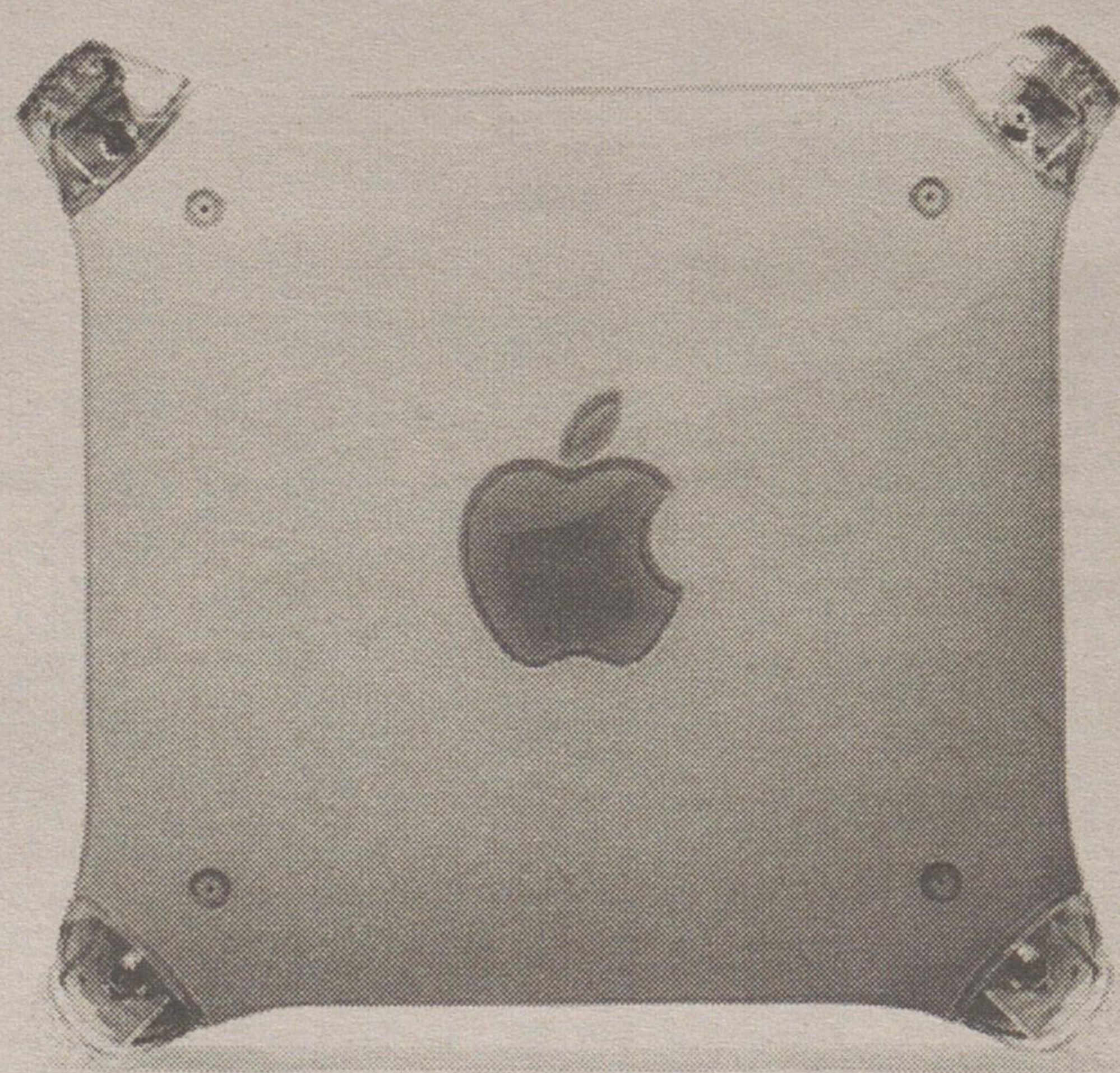
Em comparação com o ano transacto, em que a percentagem de excluídos atingiu os 25,1%, esse valor caiu agora para 20,5%. O número de cadidatos a estágio, por sua vez, vem diminuindo desde 1997/98, altura em que englobava 688 estudantes.

Que solução?

A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra encontra-se actualmente num período de remodelação geral, iniciado em Janeiro deste ano. Delfim Leão prevê que dessa discussão nasça já no próximo ano lectivo uma nova dinâmica, mais fechada, para as licenciaturas - o modelo integrado de cinco anos. Logo desde o início, o aluno escolheria a variante pretendida: ensino, investigação, ou o que Delfim Leão apelida de "indústria cultural" (trabalho em bibliotecas, museus, câmaras municipais, turismo de qualidade...). Este modelo implicaria uma redução dos "numerus clausus", pelo que todos teriam direito a estágio. Só depois deste é que a licenciatura ficaria concluída. A mudança, para este ou outro modelo, consta dos anseios dos estudantes da FLUC, tudo para que, como verbaliza Bruno Julião, o ensino superior deixe de ser uma "mera fábrica de licenciados".

"O poder é o derradeiro afrodisíaco"

Henry Kissinger



Macintosh G4



Sinergia
Companhia de Sistemas Informáticos, Lda



Rua Tomás Rodrigues Sobral, 124 - Edifício Estádio
3030 COIMBRA
Tel. 039 40 17 18 Fax 039 40 18 17 e-mail: sinergia@net.scp.pt

Direcção Geral da AAC continua a atribuir “selos de qualidade” aos quartos para estudantes

Mais quartos com qualidade garantida

Há mais de um ano que a DG/AAC se dedica à inspecção das casas destinadas aos estudantes, de modo a garantir que possuem as condições mínimas de habitabilidade. Se passarem no teste, recebem um certificado que lhes atribui classificações, que vão do “suficiente” ao “muito bom”.

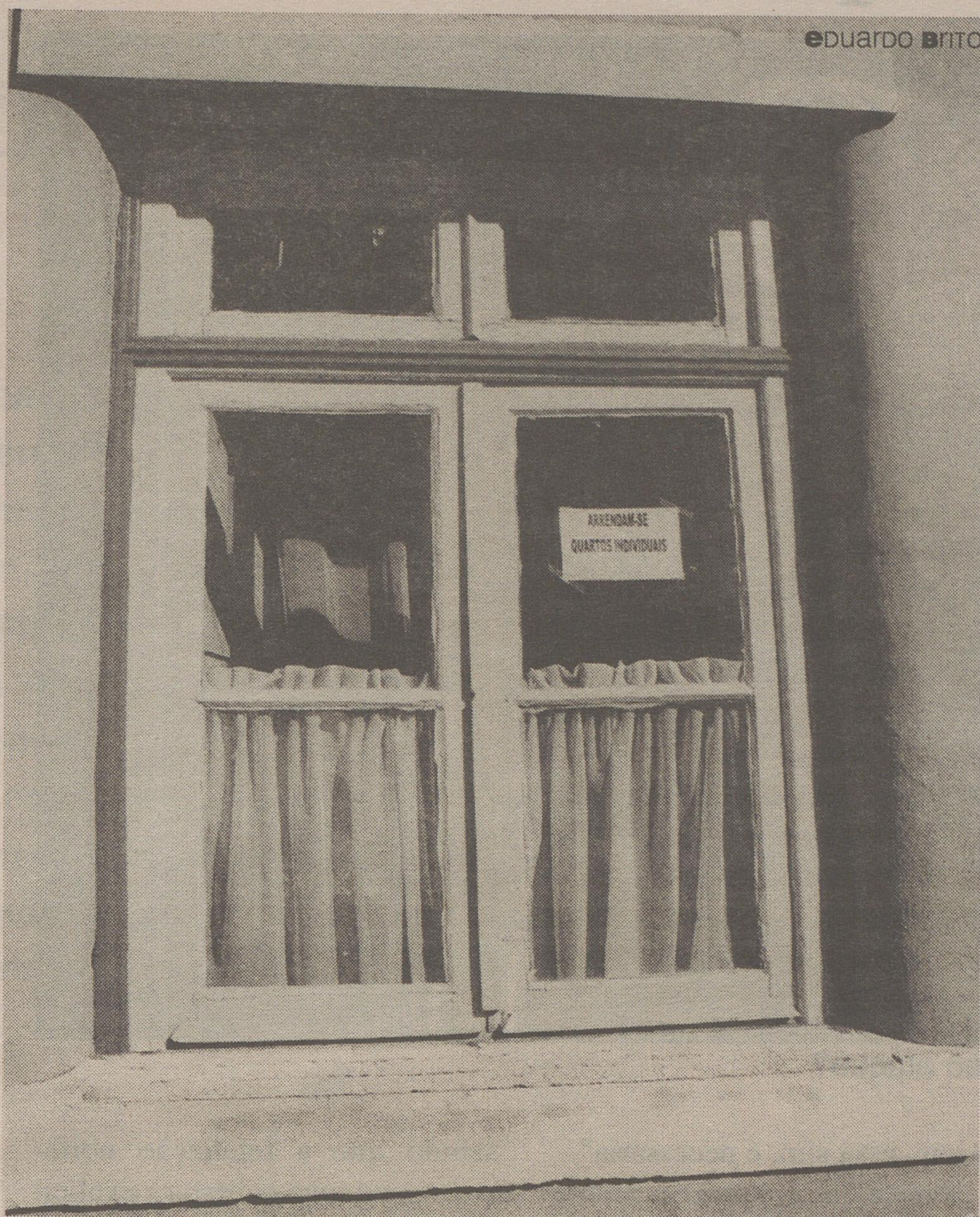
Cecília Santos

A ideia de atribuir às casas de Coimbra destinadas ao alojamento estudantil um certificado de habitabilidade que ateste as suas boas condições, surgiu há aproximadamente um ano. Desde então, muita coisa mudou no mecanismo da sua atribuição, com vista ao seu aperfeiçoamento.

Brigite Gonçalves, coordenadora da área da acção social da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e responsável por este projecto, não deixa de fazer um balanço positivo deste primeiro ano de trabalho. Um ano depois da criação do certificado, o interesse dos senhorios na sua obtenção tem vindo a aumentar, assim como a procura por parte dos estudantes das próprias listas de quartos com “selo de garantia”.

O processo que culmina na obtenção do certificado por parte de um senhorio começa com uma pré-inscrição, à qual se segue uma visita da equipa de vistoriadores da DG/AAC à casa. Durante essa visita, é elaborado um inquérito de no qual constam as condições de habitabilidade do prédio.

Este inquérito existe desde o



A DG/AAC continua a certificar os quartos para os estudantes

início do projecto e foi agora reformulado de modo a abranger toda uma série de situações novas constatadas ao longo deste primeiro ano de trabalho.

Criaram-se, por exemplo, alguns itens que são factores de exclusão automática e cuja existência impede a inclusão da casa em questão na lista dos quartos certificados. É o caso, por exemplo, do condicionamento de banhos, da não existência de uma casa de banho completa para um máximo de cinco pessoas, da falta de verdadeiras paredes a separar as divisões da casa ou da não existência de uma janela ou de pelo menos um postigo em cada quarto.

Outro factor de exclusão liminar são os preconceitos raciais. Trata-se do receio que alguns senhorios têm em relação a estudantes dos PALOP, uma vez que estes muitas vezes têm problemas de atraso nos pagamentos das bolsas, o que se reflecte depois no pagamento das rendas. Há por isso muitos senhorios que se recusam a arrendar quartos a estes estudantes. Para evitar este tipo de situações, eles são agora questionados directamente acerca deste aspecto.

Outra das inovações introduzidas este ano foi a atribuição de uma classificação por estrelas dentro dos quartos certificados: a partir de agora, eles recebem, com ba-

se nas condições que oferecem, a classificação de suficiente, razoável, bom e muito bom (uma, duas, três e quatro estrelas, respectivamente). Toda a base de dados das listas foi alterada com a criação desta classificação, com a ideia de fomentar uma certa competitividade entre os senhorios que os leve a esforçarem-se para ter uma classificação cada vez melhor.

Entretanto, foi também criado um termo de responsabilidade. Em Setembro, a DG/AAC não tinha disponibilidade física para visitar, além de todas as casas que se propunham este ano obter o certificado, todas as que já o possuíam o ano passado, no sentido de verificar se as condições que lhe valeram a sua atribuição se mantinham. Todas as casas que levantavam dúvidas o ano passado foram novamente visitadas este ano, enquanto que os proprietários daquelas que já no ano passado tinham sido consideradas boas, foram convidados a assinar um termo de responsabilidade. Neste documento eles garantem que as condições que conduziram à certificação no ano anterior se mantinham actualmente. Isto com a ideia de evitar situações de má fé, onde os senhorios, depois de obtido o certificado, pudessem modificar as condições das casas de forma desfavorável aos inquilinos.

O livro de reclamações e a lista negra

Com vista a aperfeiçoar o sistema de classificação, foi também criado um livro de reclamações para os estudantes que, habitando numa das casas certificadas, se apercebiam de alguma coisa que não correspondia às informações que foram dadas à DG/AAC, ou

caso ocorra uma alteração dessas condições. Os inquilinos podem então dirigir-se à DG/AAC para apresentar uma queixa, após a qual se procede a uma nova visita do prédio. Caso a situação de má fé por parte do senhorio se comprove, é retirada a certificação e a casa passa a constar na chamada “lista negra”. A partir daí, a dita casa só voltará a receber o certificado se o senhorio alterar as condições deficientes.

A partir de agora, as listas são distribuídas numa capa de papel que inclui no interior um mapa da cidade, de forma a facilitar a localização das casas aos estudantes em geral e muito em particular aos caloiros, que chegam a Coimbra pela primeira vez. Precisamente para eles, a Direcção Geral da AAC distribuiu exemplares destes dados juntamente com o Manual do Caloiro na altura das matrículas.

Desde o início do projecto, a DG já certificou cerca de 300 casas, mas das listas que são distribuídas constam apenas os quartos disponíveis no momento, que rondam em média os 50 quartos por dia. À medida que os quartos disponíveis vão sendo arrendados, procede-se a uma actualização das listas, o que ocorre diariamente.

Para obter todas as informações necessárias para arrendar um destes quartos, basta a qualquer estudante dirigir-se às instalações da DG/AAC no 3º piso da Associação Académica de Coimbra. Brigite Gonçalves espera que no futuro esta base de dados possa também ser consultada on-line. Para além disso, existe ainda um protocolo com o “Diário As Beiras”, que num sistema rotativo publica diariamente 12 anúncios de quartos certificados.

Assinatura de Amigo

Numa tentativa de aproximação daqueles que estão longe, tentando reunir novos e velhos membros da Academia de Coimbra, o Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA avança com um projecto, no mínimo, aliciante. Trata-se de uma “Assinatura de Amigo” que pretende proporcionar uma viagem regular até à cidade dos estudantes através das páginas do nosso/voosso jornal. Esta iniciativa dirige-se a todos aqueles que não esqueceram os suspiros do Penedo da Saudade, as alegrias das noites eternas a estudar, o suave beijar da brisa do Mondego no rosto... enfim, dirige-se àqueles que sabem e sentem Coimbra. E tudo isto pode ser seu pela módica quantia de 2500\$00 (contribuições superiores são bem-vindas) por ano destinados unicamente a suportar os custos de envio. Junte-se a nós e seja um “Amigo da Cabra”. Para tal, só precisará de estar a par das recentes polémicas no seio da Academia, da agenda cultural à medida dos estudantes, da cidade e de tudo o mais que diz respeito à comunidade estudantil destes e doutros tempos. A CABRA promete o elixir da juventude: veja-se e reveja-se amiúde nas linhas do nosso pasquim. Obrigado pela sua atenção e volte sempre. Da nossa parte, encontramos-nos no próximo mês, na sua caixa do correio. Até lá.

Não esquecendo que o patamar mínimo de 2500\$00 se destina unicamente a cobrir os custos de envio e que tudo o mais é bem-vindo para o engrandecimento desta secção e consequentemente desta Academia. Preencha a ficha anexa e envie-a para a morada nela contida. Para qualquer dúvida ou esclarecimento não hesite em contactar-nos. Preço mínimo não negociável.

Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra

Assinatura de amigo

Pretendo receber A Cabra - Jornal Universitário de Coimbra durante o corrente ano lectivo (se a assinatura tiver início durante o ano, em alternativa poderão ser recebidos 14 números)

Nome:

Morada:

Código Postal:

Telefone:

Os pagamentos poderão ser efectuados em cheque, vale postal ou numerário. Os pagamentos em papel devem ser enviados à ordem de:

Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra

A presente ficha deve ser enviada para

Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Padre António Vieira
3000Coimbra

Para mais esclarecimentos é favor contactar:
239 821554 91 9930468 93 8113009 96 4891883

Atentados de 11 de Setembro sob o olhar de José Manuel Pureza

Terrorismo: que resposta?

Apesar do fenómeno ser antigo, os atentados aos EUA vieram dar novos contornos à questão do terrorismo. A necessária erradicação é ponto assente, resta saber qual a forma mais eficaz.

Sílvia Matos

O mundo vive actualmente uma situação de crise, expectativa e receio. Após os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono, imediatamente se traçaram metas: combater o terrorismo à escala global. José Manuel Pureza, professor e coordenador da licenciatura em Relações Internacionais, faz uma análise dos factos e aponta a necessidade de uma resposta multidimensional no combate ao terrorismo.

As imagens passadas vezes sem conta pelos vários órgãos de comunicação social, paralisaram o mundo e obrigaram-no a reflectir. Até onde vai a natureza humana? Que tipo de atrocidades estão ainda por cometer? Será que o mínimo de protecção pode ser assegurado? Por quem, se os 'polícias do mundo' não se conseguiram defender a si próprios? Muitas são as questões que continuam sem resposta.

Muito se tem falado na data "11 de Setembro de 2001", na forma como mudou o mundo, e se os ataques a Nova Iorque e Washington representam um acto maquiavélico de um homem que aprendeu a odiar os americanos, sendo capaz de tudo para os destruir, ou se por outro lado não terão sido uma retaliação às políticas económicas e sociais dos EUA na cena internacional.

José Manuel Pureza afirma que neste jogo há fundamentalmente duas coisas em causa, "a primeira é a necessidade patente de erradicar, de uma forma total, o fenómeno do terrorismo como método de actuação política" - esta é uma questão fundamental, dado o horror que os atentados terroristas causam em toda a humanidade; depois, e como não se erradica o terrorismo de uma forma qualquer, "trata-se de ver se essa erradicação é realmente eficaz; parece-me que a resposta a uma situação destas deve ser multidimensional". Assim, no combate ao terrorismo, a resposta



Ataque ao terrorismo ou terrorismo ao ataque?

deve comportar a dimensão policial, militar, no sentido de combater os responsáveis pelos atentados terroristas e de os trazer à justiça. Mas não se devem ignorar outras dimensões, como as de carácter social, político ou económico.

O despertar para o terrorismo

A questão do combate ao terrorismo é tudo menos simples: é muito difícil combater contra algo tão pouco definido. É certo que existem, no Direito internacional, instrumentos jurídicos para um combate real e eficaz, "falta é vontade política efectiva para cumprir essas regras". Não se pode, porém, analisar esta crise sem colocar à cabeça a urgência e a cooperação entre todos os Estados na erradicação do perigo e da ameaça terrorista. "Que eu saiba, uma resposta deste género não está ao alcance, nem de uma nação, nem de um pequeno grupo de nações, por mais poderosas que elas sejam; isso é uma tarefa que cabe à organização representativa da comunidade internacional no seu todo: a Organização das Nações Unidas (ONU)", defende José Manuel Pureza, acrescentando que um dos seus receios é que, na pressa de encontrar uma solução para a responsabilização dos autores dos atentados, "nos escape uma solução de longo pra-

zo que, essa sim, é necessária".

Parece que era preciso acontecer esta calamidade para que o combate ao terrorismo passasse para o primeiro plano na política internacional. Mas não foram só os EUA que acordaram tarde para esta questão. Olhando objectivamente para a realidade internacional, constatamos que outros países, como os da União Europeia, por exemplo, "também acordaram tarde e mal dispostos para atacar os problemas de fundo". Se o alargamento do teatro de operações significar o alargamento da área de intervenção militar, que está a ser levada a cabo pelos EUA e também pelo Reino Unido, aí o docente de Relações Internacionais vê a questão com muita preocupação: "Creio que esta iniciativa militar, neste momento, encontra no Afeganistão um ponto razoavelmente consensual, do ponto de vista de repugnância pelo respectivo regime político, mas vejo com muita dificuldade a subsistência desse tipo de acções em relação a outros regimes, ou outros países".

A legitimidade da resposta

Outra das questões que suscitou, e continua a suscitar, alguma polémica é saber até que ponto é ou não legítima a intervenção militar no Afeganistão, país que dá guarida ao alegado autor dos atentados, Osama bin Laden. É

sabido que a retaliação norte-americana teve cobertura explícita por parte do Conselho de Segurança (CS) da ONU, que lembrou o direito imane de legítima defesa. Deste ponto de vista, esta primeira resposta é legítima. Todavia, a situação não é assim tão simples. José Manuel Pureza confessa: "Tenho as maiores dúvidas relativamente à persistência desta leitura legitimadora porque, tanto quanto a lógica manda e quanto o Direito Internacional acrescenta, a legítima defesa não pode ser considerada como uma situação persistente, é o repelir um ataque".

Assim, a única forma legítima de responder a esta situação é através da comunidade internacional organizada, ou seja, da ONU; todos os Estados que são membros reconhecem, em exclusivo ao CS, o poder de responder punitivamente a um Estado ou a uma entidade que tenha posto em perigo a paz.

Tem-se assistido a inúmeras manifestações contra o tipo de resposta dos EUA aos ataques terroristas. Neste sentido, Pureza lembra que, deste ponto de vista, a administração norte-americana se comportou de uma forma elogiável, no sentido de não partir para uma cruzada, para uma guerra sanguinária, sem criar todas as condições para que esta questão pudesse ser resolvida de outra forma. "Lembro que entre os

atentados de 11 de Setembro e a resposta militar maciça a decorreu um lapso de tempo razoável; teria sido necessário praticar alguma coisa antes? Tenho as maiores dúvidas!", acrescenta.

As alterações necessárias

A todo o tempo é necessário pôr em prática outras medidas; o desafio que está lançado ao sistema internacional é o de mudar um conjunto de situações cuja persistência é nociva à escala global. O conflito israelo-palestino, por exemplo, não pode continuar nos termos em que tem sido compreendido, não é sustentável fazer um combate eficaz ao terrorismo sem atacar de maneira plena e absoluta a situação deste conflito. Neste caso, a posição dos EUA é delicada: temos uma situação bizarra de um Estado que quer ser árbitro, mas ao mesmo tempo é apoiante de uma das partes do jogo; também as situações de humilhação de povos inteiros que não pode continuar, "sob pena de se criarem condições para que haja aventuras terroristas deste género". De notar que não passa despercebido um novo comportamento diplomático por parte dos EUA, uma surpreendente abertura multilateral, uma tentativa de ser muito ponderado.

O que está, pois, em jogo é perceber que este é o tempo certo para se lançarem reformas profundas no sistema internacional; mas é também a altura indicada para colocarmos a questão: o que é que tem que mudar? Há várias respostas possíveis, mas desencontradas: há aqueles que defendem a necessidade do reforço de medidas de segurança, da vigilância, da militarização; "outros, nos quais eu me situo, entendemos que este é o tempo certo para que se lancem as reformas porque o que tem que mudar são também as condições de convivência, a igualdade de oportunidades e a criação de horizontes de futuro para todas as pessoas do planeta", finaliza José Manuel Pureza.

Resta agora saber até que ponto uma 'Liberdade Duradoura' não será sinónimo de 'Opresão Eterna'.

Ficha Técnica

Director: Sérgio Alves **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Emanuel Graça **Paginação:** Rui Justiniano, Sérgio Alves **Editores:** Helder Dantas, Maria João Lopes **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Ana Laura, Ana Maria Barros, Angela Neves, Anselmo Câmara, Carolina Ferreira, Cecília Santos, Cristina Rodrigues, Daniel Belo Mendes, Fátima Rachinhas, Gabriela Domingues, Gonçalo Duarte, Helena Marques, Hugo Ferreira, João Gomes, João Pedro Marques, João Vaz, José Carlos Santos, Leonor Tato, Manuel Eduardo, Márcia Oliveira, Mário Guerreiro, Nuno Curado, Nuno Dias, Nuno Serras, Pedro Correia, Pedro Ramos, Rui Caniço, Sónia Joaquim, Sílvia Matos, Tiago Azevedo **Colaboradores:** Bruno Ferreira, Kossaki, Eduardo Brito, Fernando Nunes **Fotografia:** Eduardo Brito, Hugo Rascão, Jorge Nande **Publicidade:** Pedro Correia: 938630934/ 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

Secção de
Jornalismo

Primeiro ano, primeira vez

Eles cacarejam na Praça da República, eles sobem as monumentais contando os degraus em voz alta e repetem, eles comem sem talheres... eles e elas são caloiros e estão por todo o lado. Chegam de comboio, autocarro, com os pais, sozinhos ou já cá vivem há muito tempo. Vêm à procura da cidade dos estudantes, da vida nas repúblicas, das serenatas, da queima, dos bares, do estatuto de Coimbra, ou então vêm única e simplesmente atrás de um curso universitário. Numa cidade onde cada mês tem um tema específico, este é o mês deles e esta é uma crónica sobre o que os espera...

HUGO RASCÃO



Um admirável mundo novo

Texto: Adeodato Valente Pinto
Fotos: Hugo Rascão, Jorge Nande



Já lá vão os dias em que se vieram matricular, assustados com o que lhes contavam sobre a praxe, os dias em que procuraram quartos e se assustaram com uma cidade velha e mal cuidada em muitos sítios, os dias em que atravessaram a ponte de Santa Clara pela primeira vez e se maravilharam com a beleza de Coimbra vista do outro lado. Passado o primeiro impacto, ainda há quem chore escondido sobre a almofada para que os companheiros de casa não o gozem, saudosos de um amigo, de uma amiga, dos pais ou simplesmente da comida da mamã tão diferente da cantina ou daquela que tenta fazer.

Amanhã é o dia em que, pensam, vão conhecer o professor e lembrar-se das aulas do secundário. Tudo será igual, não têm memória de outra coisa. Aqui as notas são como na escola, por certo. Ainda vêm longe os R's, os chumbos, as cadeiras sem nenhuma aprovação. Isso não é para mim, é para aqueles que se embebedam todas as noites, que saem todos os dias, que faltam às

aulas. E já os há, aqueles que vieram mais cedo, que conheciam aqui alguém, que já descobriram o Buraco, o Rato, a Via Latina, que se cabritaram pela primeira vez em Coimbra, que beberam a primeira vez à pala do "doutor", que foram pela primeira vez buscar cerveja para os senhores de preto, que conheceram a primeira caloiira. Coimbra é uma cidade onde se faz muitas coisas pela primeira vez. Também lá estarão estes, os bêbados como lhe chamam os detractores das manifestações estudantis, no primeiro dia de aulas, mas não vão para conhecer os professores, vão para serem praxados, porque é "porreiro", porque é assim que se conhece pessoas, e em Coimbra é possível conhecer muita gente. Não falta nada e vão ser convidados a integrar uma lista para qualquer coisa, para a associação, para o núcleo, para a comissão: "dá-me a tua fotografia e não te esqueças de dizer aos teus colegas".

É a primeira aula, há muita gente a rir-se interiormente, burros, nem sequer sabem que isto é uma aula

fantasma, há um professor que fala alemão nas aulas, que exige matemática para as aulas de direito, que atira com giz aos alunos. Antigamente as "aulas fantasmas" faziam-se também aos professores, era da praxe (que em Coimbra não é exactamente a mesma coisa que noutros locais) que ninguém respeitasse um professor na sua primeira aula. Daí "os doutores", esses simpáticos amigos que já têm a caloiira debaixo de olho, vão promover uma visita guiada ao Jardim Botânico. É um local de estranhos rituais, com pessoas a darem marretadas umas às outras como se numa tourada estivessem, há quem se rebole porque pensa que é uma bola de bilhar, e começam as declarações de amor a torto e a direito, cantadas, em verso, de baixo para cima e de cima para baixo. São dias e rituais que se vão repetir, com outras deslocações, com outras pessoas. Vamos conhecer o Sr. Costa, o Sr. Pinto e as tascas com os respectivos nomes. Aprender-se-à a primeira lição intitulada "beber 1 caneca de litro de cerveja de 1 x só = vomitar daí a x".



Coimbra é a cidade da praxe apesar de não ter nada a ver com ela, com os sacos de farinha que se despejam noutras cidades, com os exageros físicos que levaram muitos a criticá-la. Aqui há um código, há proibições, não se praxe ninguém debaixo de tecto, um rapaz só praxe outro, uma rapariga praxe outra, aliás a praxe é profundamente machista, elas não podem cantar o fado. Aqui a praxe é verdadeiramente uma iniciação. Até mesmo para quem a contesta. Ou para quem foge dela. Os que tentam passar despercebidos e não respondem ao berro de “caloiro”, os que só vêm uma semana mais tarde, e os que, mais raro, dizem abertamente “não quero ser praxado”. São vivências extraordinariamente diferentes as que coabitam esta pequena cidade.

Ainda há o mundo à parte das repúblicas, espalhadas desordeiramente pela alta de Coimbra e por alguns outros pontos da cidade. Se disser que o Alberto João Jardim viveu numa enquanto cá esteve dá

para ter uma ideia do carnaval que por lá se passa. Há aquelas onde a praxe da capa e batina não entra, e são a grande maioria, há aquelas onde a praxe ou iniciação tem um sentido diferente. Quem para lá vai é sempre caloiro, tenha as matrículas que tiver. Cultiva-se um espírito de comunidade, os jantares são sempre em conjunto e a falta a estes ou às tarefas podem determinar o convite a sair. São acima de tudo locais com história. Aliás, aos caloiros haverá convites permanentes a um regresso no tempo. É a Tomada da Bastilha para comemorar o arrojo daqueles ajudaram a fazer a Associação Académica, é a festa das latas com o seu sentido centenário.

Talvez a altura em que menos se apercebam que estão a continuar uma história antiga será quando, a horas altas, noites escuras, sob o olhar da Sé Velha, ouvirem discretos os passos acelerados de um conjunto de “doutores”, a trupe que te pergunta alcoolizada, “o que és perante nós (a praxe)?” e tu respon-

derás com as mãos na cabeça e o bafo quente o teu nome caloiro. É no dia seguinte que o espelho te dará a verdadeira dimensão do teu encontro imediato. E poucos saberão que as “trupes” são os descendentes daqueles simpáticos senhores que encontram na Porta Férrea e por toda a Faculdade de Direito, os “archeiros”, antigamente a polícia da universidade que tinha ordens para prender nos caloubouços, já ali nas escadas de Minerva, quem sai da Faculdade de Direito por trás, todos os caloiros que passassem o Arco de Almedina para lá das 6 da tarde. É que a baixinha de Coimbra, talvez o único genuíno local de Coimbra afastado da influência da universidade, era espaço de comércio, ou de usura naqueles tempos, eterna heresia, ou pior ainda de mulheres da má vida. Só te prendemos para te proteger, só te rapamos o cabelo porque não devias andar na rua a esta hora, anda o teu pai a pagar-te um curso e tu a saíres à noite!



“É assim mesmo primeiranista, embebedá-te, foge desses mentecaptos que se julgam gente porque têm uma tesoura na mão, fuma uns charros e junta-te a nós na luta contra a globalização”, grita um panfleto colocado algures no espaço da universidade. Já devem ter reparado que Coimbra é a cidade dos panfletos, se os lerem ficarão a saber que é também a da “intervenção”. Pensar que o Maio de 68 ainda por cá não passou ou que os EUA são o grande satã é comum por essas ruínas velhas. Esta é uma universidade de esquerda talvez porque foi durante muitos séculos um centro de formação da direita. Na Associação Académica combateu-se o fascismo, nas repúblicas espalhou-se a necessidade de um 25 de Abril. Talvez se apercebam com o tempo que é preciso uma universidade nova numa cidade moderna. Por enquanto, todos ficarão maravilhados com a serenata da Latada. Se há momento onde o sentimento de Coimbra se espalha é nas serenatas. E no final o FRÁ dará início a mais uma semana de bebedeiras e alegrias. É a Latada, se gostares espera só pela Queima. Mas também haverá muitos que ainda não se identificarão, que preferirão passar esse fim-de-semana em casa ou que, responsavelmente, acharão que já devem estudar para os exames de Janeiro. A vida em Coimbra é geralmente feita a duas velocidades. Aqueles que partem da “pole-position”, a

grande velocidade, e aproveitam a vida ao máximo nos primeiros tempos e para quem a excitação inicial esmorecerá, porque isto afinal não oferece assim tanto passados alguns anos, e aqueles que, tímidos, se farão estudantes ao longo do curso para desatarem num berreiro de saudades quando deixarem o quarto e iniciarem uma vida de licenciados.

E há aqueles que vêm de longe, cada vez menos, dos Algarves, das Ilhas ou para lá das fronteiras, e para esses os fins-de-semana são compridos. Mas são quem provavelmente primeiro se apaixona. Pela cidade e por alguém. Pelo Penedo da Saudade e por quem lho mostrou, por quem os ouve nesses dias onde nos bares só há putos do secundário e se recarregam baterias para a semana. Coimbra é uma cidade de paixões e todos o saberão mais cedo ou mais tarde. Local onde as ideias se expandem e os sentimentos se revelam, muitas vezes de uma forma exarcebada... há rituais que se mostram ao fim-de-semana. Assistirão ao primeiro rasgão de uma forma incrédula. Os pedaços de roupa que se espalham pelas árvores da rua larga, o rapaz que corre nu à frente da faculdade perseguindo uma capa que nunca mais vestirá. É o fim do curso, é a última imagem de saudável decadência e para ti é mais uma tradição que te espera como aquela que é guardada pelo rei D.Dinis. Acaba o curso virgem e desce as escadas monumen-

tais e El-Rei fará resvalar as enormes bolas, imobilizadas no topo das escadas, cidade abaixo, seis séculos de existência da universidade e elas ainda por ali estão!

Mais pacatos e desarcebados, os cafés de Coimbra funcionarão muitas vezes com o uma segunda casa. Para fugir da solidão que se instala no quarto, sem televisão e sem amigo como os do parágrafo anterior, a vida refugia-se num livro à mesa do Tropical ou do Santa Cruz, numa conversa ligeira na esplanada do Cartola ou do Académico, numa contemplação das árvores da praça de dentro do café do TAGV (Teatro Académico de Gil Vicente) e em muitos outros pequenos espaços de convívio ruas acima, avenidas abaixo.

Entretanto, a praxe continuará ao longo do ano, os estranhos rituais que fazem com que a população “nativa” olhe os estudantes com ar consternado, as pequenas iniciações que todos experimentarão e cada um seguirá um caminho diferente. Para o ano haverá mais e muitos papéis se inverterão. Haverá quem não volte mais, haverá quem opte por cá ficar mais algum tempo. De Coimbra levarão sempre uma estranha forma de viver, um curso provavelmente desajustado, e muitas, muitas recordações do tempo em que foram caloiros. Porque, acreditem, não há nada como ser caloiro.

Coimbra volta a viver as emoções da Festa das Latas

Vai começar a festa!

O cheiro da Latada provoca já um ambiente de euforia. Suede e Smoke City prometem animar as noites dos estudantes.

João Cortesão
Tiago Azevedo

Com um cartaz musical inovador que promete tornar as noites de Coimbra mais longas e quentes, a semana da Festa das Latas e Imposição das Insígnias que conta com a presença de bandas internacionais, torna-se um convite atractivo para todos. Decorre de 25 a 30 do corrente mês e não traz muitas alterações em relação a anos anteriores, continuando a ser uma festa dos estudantes para os estudantes, que vem dar as boas vindas não só aos que chegaram este ano mas também aos que regressam para um novo ano lectivo.

Este ano a festa académica começa, como habitualmente, com a Serenata do Caloiro, que regressa à Via Latina depois de no ano passado se ter realizado na Sé Velha, em virtude da realização de obras no pátio da Universidade.

A grande inovação deste ano é o abandono dos convívios nas cantinas que vão ser substituídos por um mega-convívio com entrada gratuita, no Largo D. Dinis, onde foi já montada uma enorme tenda. Aqui os estudantes vão poder acabar a noite da Serenata da melhor forma, uma vez que a tenda vai contar com música, bebidas e muita animação.

Após este primeiro dia de convívio, a animação desce até à margem esquerda do Mondego,



Coimbra anima-se com mais uma Festa das Latas

até ao Estádio Universitário, que pode vir a ser pequeno para acolher a grande afluência de público, sobretudo nos dias em que sobem ao palco as bandas internacionais.

A presença dos Suede e dos Smoke City acaba por ser outra das particularidades da Festa das Latas deste ano, uma vez que em anos anteriores não houve participação de bandas estrangeiras.

Para além do entretenimento proporcionado pelos concertos, vão existir outros pontos de interesse no espaço do Estádio, tais como jogos tradicionais e as já habituais barracas dos núcleos, que continuam a marcar presença nesta festa.

O Sarau Académico realizar-se-á, como no ano passado, no Pavilhão Universitário, devido às fracas condições técnicas oferecidas pelos jardins da AAC, e abre

as noites de animação à beira rio.

De todas estas actividades habituais que constituem a Latada, é de realçar o roubo do nabo, que este ano se vai realizar no Mercado provisório junto à estação nova, e o cortejo que decorrerá no último dia da festa e que vai seguir o modelo dos anos anteriores, acabando com o baptismo dos caloiros na margem direita do rio Mondego.

Este será, sem dúvida, um dos momentos mais altos da festa, já que representa a integração definitiva dos recém-chegados na Academia, num ritual que põe lado a lado os estudantes universitários e a população da cidade.

O preço do bilhete geral continuará a ser cinco mil e quinhentos escudos e estará a venda no Largo D. Dinis, na Praça da República, na Faculdade de Economia, no Pólo II e na própria Associa-

ção Académica. O bilhete pontual será vendido no próprio recinto e o seu preço varia consoante os concertos da noite.

Outros traços da festa

Este ano a organização da festa não foge aos moldes a que estamos habituados, sendo dada bastante importância à vertente cultural que, ao lado das actividades desportivas e do cortejo, distingue a Festa das Latas da Academia de Coimbra das restantes Academias do país. Por outro lado, a organização deste ano, encontrou na área dos patrocínios a sua maior dificuldade, facto que pode ser explicado pelo difícil plano económico que se atravessa e que veio limitar o apoio de diversas entidades privadas, sendo feitos esforços no sentido de não prejudicar o programa da festa e de su-

perar esta situação.

Em virtude deste esforço e de uma melhor organização, foi possível melhorar a qualidade das infraestruturas do recinto, com a montagem de uma tenda maior que cobre uma área mais ampla em frente ao pavilhão, e de inovar o cartaz musical que este ano se apresenta mais aliciente.

A Latada deste ano será de certa forma politizada, através da realização de várias críticas à política educativa do ensino superior e, em especial, aos recentes cortes orçamentais que vieram afectar o já problemático funcionamento das aulas em diversas universidades.

Deste modo pretende-se que a Latada deste ano volte a ter a vertente crítica e o carácter reivindicativo que sempre foi uma das suas características mais marcantes e que esteve um pouco esquecida nos últimos anos.

Outra das inovações verificadas este ano foi a criação, pela primeira vez, de um logotipo denominado "O Latas", que vai ser, juntamente com o cartaz, a imagem de marca da Festa das Latas e Imposição de Insígnias 2001 e que será utilizado como a face visível de uma campanha de divulgação que pretende tornar esta festa num evento memorável.

A Latada afigura-se assim mais uma vez, após tantos anos, como mais um marco de assinalável importância na vida dos que já beberam um pouco da sua essência inebriante e daqueles que não a conhecendo pessoalmente se preparam para o que será a sua primeira festa académica.

**FESTA DAS LATAS
E IMPOSIÇÃO DAS INSÍGNIAS**
de 25 a 30 de Outubro 2001
Organização: Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra

25 00H00 Via Latina **SERENATA**
01H00 Largo da Porta Férrea **MEGA CONVÍVIO**
22H00 Pavilhão Estádio Universitário **SARAU ACADÉMICO**

26 **XUTOS E PONTAPÉS**
ATOMIC BEES ZEN

27 **SUEDE**
TENDRILLS THE GIFT ESTUDANTINA

28 **MÃO MORTA**
HAUS EN FACTOR WRAY GUNN
BLASTED MECHANISM

29 **SMOKE CITY**
BOOHI ENTRE ASPAS DA WEASEL

30 **QUIM BARREIROS**
MELÃO CLAUDISABEL
ORXESTRA PITAGÓRICA

**FESTA DAS LATAS
E IMPOSIÇÃO DAS INSÍGNIAS**
de 25 a 30 de Outubro
Organização: Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra

Bilhetes gerais à venda na AAC e cantina do Pólo II 5500\$

Bilhetes pontuais à venda no pavilhão do Estádio Universitário

	Estudante	Não Estudante
Sarau	300\$	300\$
6ª	1500\$	2500\$
sábado	2000\$	3500\$
domingo	1000\$	1500\$
2ª	1500\$	2500\$
3ª	1000\$	1500\$



Sexta-feira, dia 26

Atomic Bees

Cândidos e intensos, os Atomic Bees são um dos novos valores da música portuguesa. Cresceram ao som de uma versão de "Perfect" dos Fairground Attraction, que havia sido incluída na compilação "Optimus 2000". Desde então têm vindo a amadurecer o seu som e têm actuado nos palcos secundários de vários festivais de Verão. O primeiro disco de originais "love.noises.and.kisses" é o pretexto para o regresso desta banda "teenage pop" a Coimbra.

Zen

Depois de terem fulminado o pavilhão universitário na Latada de há dois anos, os Zen voltam a Coimbra com uma nova formação e novas músicas na bagagem. O fim da banda tripeira que chegou a ser anunciado em 1999 foi, afinal, uma pausa para um regresso com um novo guitarrista e uma renovada energia rock com pitadas de funk mutante. Ao vivo, os Zen são um barril em explosão permanente. A voz e a atitude de Ruizinho centram a atenção de uma audiência em plena ebulição. "U.N.L.O" será, certamente uma das músicas obrigatórias, bem como novas composições dos autores de "The Privilege of making the wrong choice"

Xutos & Pontapés

Os Xutos sempre foram os Xutos, ainda são os Xutos e hão-de continuar a ser os Xutos. Com ou sem fim do mês, nem o desaire comercial de XIII fará com que uma autêntica falange de admiradores os deixe de acompanhar em mais uma das suas romarias habituais a Coimbra.



Domingo, 28

The Wray Gunn

São a nova coqueluxe da imprensa nacional, depois do EP "Amateur" edificaram um dos melhores e mais surpreendentes registos de estreia em longa duração; "Soul Jam".

Liderados pelo ex-Tédio Boy Paulo Furtado, os Wray Gunn criam uma fusão explosiva entre o rock, o soul e o hip hop que não deixa ninguém indiferente.

Contando com o hit "lonely" na bagagem, os Wray Gunn vão mostrar-se na sua maior força, isto é; em concerto!

Podem ter a certeza que "o rock nunca souou assim"!

Blasted Mechanism

Com um início de carreira fulgurante, os Blasted Mechanism acusaram muito a saída de Miguel Cardona (que se dedicou aos Coldfinger), mas ganharam um novo fôlego em "Plasma".

Ultimamente têm andado mais dedicados às remisturas, mas mantêm a imagem de marca, seres mutantes em palco que não encaram uma prestação ao vivo como uma simples apresentação de temas musicais. Criaram o seu próprio estilo e têm sabido gerir a imagem de uma forma única.

Os Blasted Mechanism tocam muito bem e têm grandes composições, mas só pelo espectáculo visual e de encenação em palco vale a pena uma deslocação ao pavilhão universitário.

Mão Morta

São, indiscutivelmente, um dos maiores valores da música nacional.

A aventura começou na cidade dos arcebispos, onde o corrosivo Adolfo Luxúria Canibal ajudou a desencadear a movida bracarense e lançou os Mão Morta para um culto sem precedentes.

Os Mão Morta estão sempre "do lado de lá". A luta pode até estar perdida à partida, mas o mais importante é continuar a lutar.

Em 2001 regressaram às lides discográficas com "Primavera de Destroços", que nos devolve esta mítica formação num dos seus pontos mais criativos.

Um concerto dos Mão Morta está constantemente rodeado de caos e apocalipse, e, por isso mesmo, tem tanto de demoníaco como de exorcista. Uma experiência única entre bandas portuguesas.



Terça, dia 30

Quim Barreiros

Dose habitual (com direito a sopa, sobremesa e digestivos) do mestre da culinária. Um clássico dos festejos académicos. E dura, e dura, e dura ...

Orxestra Pitagórica

Finalmente, a melhor banda da noite vai fechar a noite com muito boa disposição bem regada (perdão, regada!).

5 dias...

...a bater nas latas

Textos de Hugo Ferreira e José Carlos Santos

Sábado, dia 27

Tendrills

Numa altura em que o nu metal ganha cada vez mais adeptos, a formação vencedora do Festival 365, que já passou pelo jardim da AAC, promete começar a animar a noite de sábado com muito ritmo e guitarras ao desafio.

The Gift

Elogiados pela crítica e com algum culto já instalado em Coimbra, os The Gift têm vindo a ganhar um lugar de destaque no panorama musical português. Quando há quatro anos os The Gift lançaram "Digital Atmosphere", poucos poderiam augurar um futuro tão. O início do caminho para o sucesso começou, precisamente, em Coimbra aquando do início da "Vynil Tour" no TAGV. A voz de Sónia Tavares desde cedo constituiu uma razão maior para apelidar de "next big thing" este projecto de Alcobaça.

Depois do quase desconhecido "Digital Atmosphere" e do grandioso sucesso de "Vynil", "Film" ficou à quem das expectativas do mercado discográfico, mas parece que convenceu os fans mais acérrimos e os críticos mais exigentes. Como se sabe, nem sempre o incremento de qualidade corresponde a um aumento de vendas... mas, ao vivo, já todos sabem o que podem esperar.

Suede

A grande surpresa do cartaz da Festa das Latas 2001 vem directamente do Reino Unido, com um bom punhado de singles pop perfeitos, que todos já ouviram e cantaram. Os Suede são, indiscutivelmente uma das melhores bandas britânicas e não desiludem ninguém no que toca a actuações ao vivo. Quem esteve na primeira edição do Sudoeste ou em Paredes de Coura 1999 traz na memória bem acesa a imagem de grandes e bons momentos protagonizados por Bret Andreson & companhia. Com a saída de Neil Codling e entrada de um novo teclista, o projecto vem a Portugal apresentar, em primeiríssima mão, temas do disco que ainda se encontram a gravar. De "Beautiful Ones" a "Animal Nitrate", passando por "She's In Fashion", os Suede têm todos os argumentos e mais alguns para proporcionarem um dos melhores concertos a que Coimbra jamais assistiu.

Segunda, dia 29

Entre Aspas

Já todos conhecem dois ou três temas e quase todos sabem que Viviane é extremamente eficiente a "puxar" pelo público. Encontram-se a braços com uma mudança forçada de editora, mas ainda há bem pouco tempo receberam grandes elogios em relação ao seu último disco (ao vivo).

Da Weasel

Aí está outro fenómeno de culto na música moderna nacional.

Os Da Weasel descobriram a melhor forma de faxer hip hop em Portugal e somos obrigados a dar-lhes todos os méritos pelo objectivo cumprido. Ao vivo os Da Weasel apresentam um concerto com muito ritmo e muitas rimas ... e muito povo a pular por esse pavilhão fora.

Smoke City

Liderados pela carismática e sensual e vocalista Nina Miranda, os Smoke City atingiram o estrelato ao som de "Underwater Love" e foram forçados a adiar até ao mês passado o lançamento do segundo volume de originais, do qual já deverão ouvir alguns acordes no pavilhão universitário.

É a segunda vez que visitam Coimbra depois de uma passagem pela edição de 1998 da Queima das Fitas, onde gravaram boas recordações a todos os presentes. Mais do que um concerto é uma celebração de alegria e há muito pouca gentinha capaz de pegar num palco e fazer uma festa!

Pode vir a afigurar-se como um dos melhores concertos desta edição da Latada.

Em 40 anos de existência, o TAGV continua a primar pela diversidade

Parabéns a você...

Numa altura de cortes orçamentais, o TAGV não poupa na oferta. Durante todo este ano lectivo festeja os seus 40 anos de existência, com uma programação vasta e para todos os gostos.

Ana Laura Alves
Sílvia Matos

O Teatro Académico Gil Vicente (TAGV) iniciou no passado mês de Setembro as comemorações do seu 40º aniversário. Numa altura de festa faz-se o balanço, projecta-se o futuro e perspectiva-se um ano recheado de iniciativas que pretendem encher de diversidade e qualidade o palco do teatro dos estudantes.

Foi no ano de 1961 que o Teatro Académico de Gil Vicente abriu as suas portas ao público. Chamava-se, na altura, somente Teatro Gil Vicente. O nascimento deste inseriu-se no plano de construção do edifício das instalações académicas com o intuito de oferecer à cidade da Lusa Atenas um espaço cultural. A VIII edição do Festival Internacional de Teatro Universitário inaugurou há 40 anos o espaço, com a "Antígona" de Sófocles. "Oteló", de Shakespeare, abriu as comemorações para este aniversário.

Na entrevista que o seu director, João Maria André, deu ao jornal universitário A CABRA em Junho deste ano, afirmou que o Teatro deveria funcionar como uma espécie de interface entre a universidade e a cidade e, por outro lado, entre a cidade e o país, assim como a programação para a comemoração dos 40 anos, que engloba todo este ano lectivo e que está de certo modo orientada por esses parâmetros bem como as negociações que a direcção fez. Por um lado pre-

tendeu-se ter em vista as produções próprias da universidade e por isso, foram contactados vários grupos universitários. "Neste momento já temos espaço reservado para estreias do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), para as jornadas do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC) e estou à espera da resposta do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC)". Entre diversas propostas, um particular destaque para o espectáculo da companhia de teatro Escola da Noite, apresentado em co-produção com o Gil Vicente, talvez em Fevereiro.

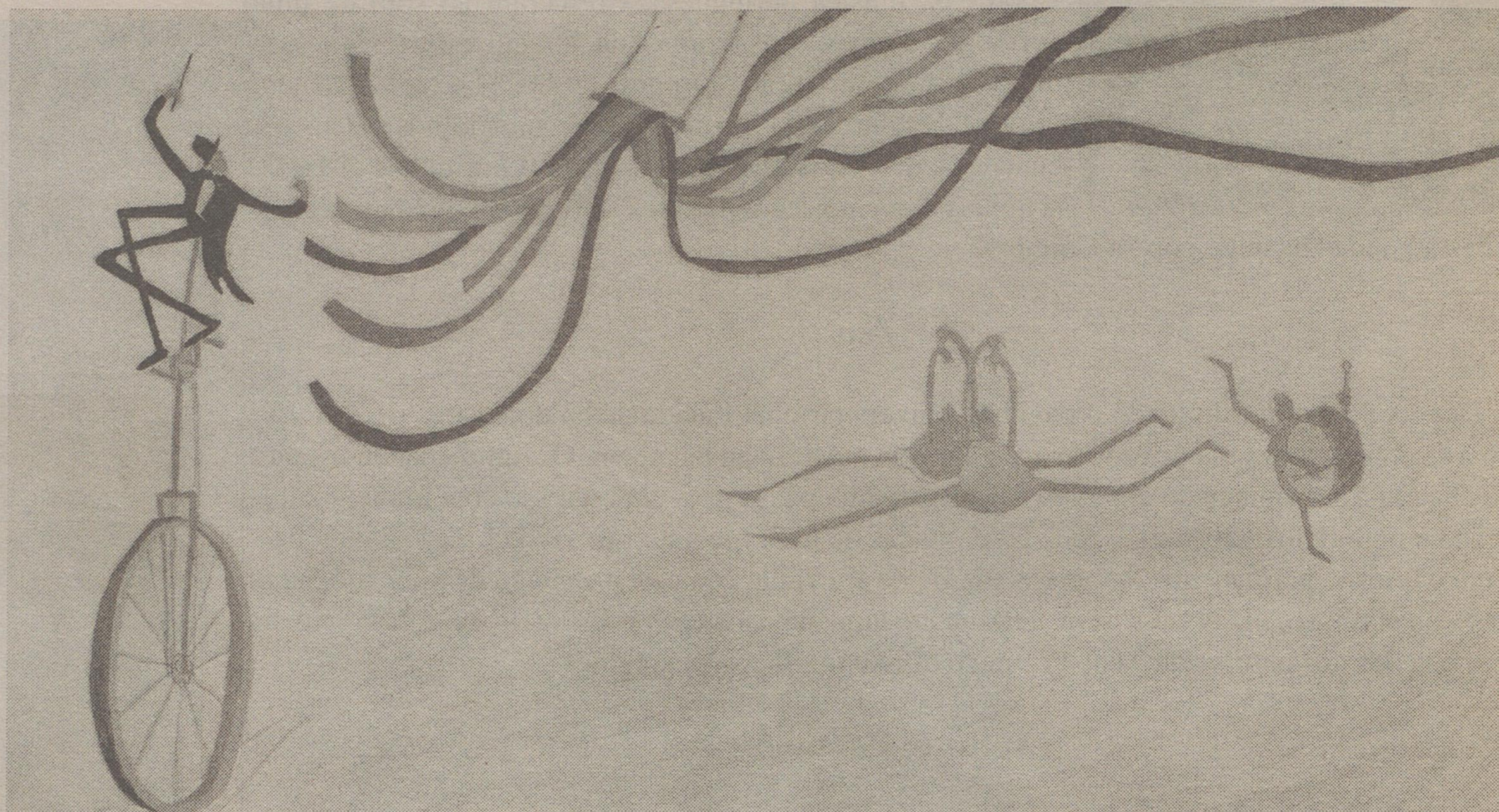
A nível nacional, há alguns espectáculos, como "Sexo, Drogas e Rock' n' Roll" com Diogo Infante que, "pelo facto de serem grande êxitos de bilheteira e de apresentarem, por isso, uma índole mais comercial, não devem ser rejeitados" desde que do ponto de vista artístico e cultural sejam interessantes.

Porque há tanto barulho nas garagens

Uma das novidades deste ano é a iniciativa designada "Por Outras Bandas". Esta constitui uma abertura a novas bandas, "para mostrar o que a malta nova anda a fazer, por que é que há tanto barulho nas garagens, nos prédios onde vivemos e onde até por vezes se fazem coisas bonitas". Trata-se de uma aposta, pois o director acha que o TAGV também deve correr riscos.

As coisas estão a resultar, havendo já uma banda programada para Novembro e outra para Dezembro.

De realçar, no campo do teatro e também da música, dois espectáculos agendados para este e para o



Um programa recheado para comemorar o aniversário do TAGV

próximo mês. O Teatro Negro de Praga e a ópera "Nabuco" de Verdi respectivamente.

Mas fazer anos não implica só apresentar diversidade. Para isso é forçosamente necessária uma base financeira estável.

Assim, tem havido da parte da direcção uma tentativa de contenção de despesas, que "não tem ainda a ver com os recentes cortes orçamentais mas sim com dificuldades anteriores" esperando-se chegar, no final deste ano, a uma situação de alguma tranquilidade. Para isso estão já em negociações alguns patrocínios a troco de publicidade, que complementam o orçamento dado pela Universidade e também pelo Ministério da Cultura e Câmara Municipal de Coimbra.

Um Teatro de cara lavada

Uma das prioridades para este 40º aniversário é apresentar um "Teatro de cara lavada". Neste sentido, pretende-se a médio prazo renovar as cadeiras, que são as mesmas desde a sua fundação, e, a curto prazo, substituir o piso do palco

que também nunca foi mudado.

De referir ainda que no próximo ano o teatro português comemora quinhentos anos, nomeadamente com a passagem da data em que pela primeira vez se representou a peça de Gil Vicente, "O monólogo do Vaqueiro". Neste sentido, "estando nós num teatro com o mesmo nome é obvio que estamos sensibilizados para os comemorar. Para isso pensamos fazer uma surpresa ao público conimbricense".

A programação é vasta mas é possível destacar algumas iniciativas. Assim, todos os meses, o TAGV procura ter teatro, música, dança e cinema. Para os próximos dias 26 e 27 de Outubro a companhia de Teatrodanza da Suíça, Tiziana Arnaboldi vai estar em palco. Uma outra iniciativa, que vem na continuação do ano anterior é o Ciclo das Quartas de Jazz já a decorrer.

A nível do cinema vai decorrer um ciclo de temas clássicos. Na música teremos a presença do Carlos do Carmo. Na dança um grupo cabo-verdiano, sediado em Coimbra, Raiz di Terra, em colaboração

com alguns convidados que vêm de Lisboa. A Cooperativa Bonifrates vai repor a peça "O Principezinho".

Para o mês de Dezembro estão programados mais alguns concertos, nomeadamente um promovido pela Rádio Universidade de Coimbra, e também um ciclo de filmes sobre a temática da Paz promovido em colaboração com o Goethe Institute de Lisboa. O Foyer vai ser mais uma vez palco para conversas. "Vozes Amanhecidas" vem dar por sua vez continuidade à sessão "As palavras que nos ficam da usura dos dias".

O próprio director confessa que não tem, infelizmente, tempo para ver tudo: "Gostaria muito de ver e ser um melhor anfitrião, mas não consigo estar em tudo".

Para finalizar e porque o TAGV também apaga as velas, nada melhor do que perguntarmos qual seria o presente desejado. A resposta foi dada entre sorrisos.

"O melhor presente que poderiam dar a este Teatro era um bom orçamento e uma situação mais estável".

Um Teatro, uma história

Helena Marques

Em 1954-55, pela mão dos arquitectos Alberto Pessoa e Abel Manta, começavam a tomar forma os primeiros esboços do actual Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). No entanto, só entre 1957-59 é concretizada a integração deste projecto no plano de obras de construção do edifício das instalações académicas.

Após colocadas várias hipóteses, a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra, deliberou que a implementação definitiva da Associação representativa da Academia ficaria confinada ao espaço limitado pela encosta, pela Rua Padre António Vieira, pela Avenida Sá da Bandeira e pela Rua de Oliveira Matos.

O projecto TAGV tinha como objectivo criar um palco para a Academia, oferecendo assim, uma estrutura essencial a todo o processo criativo e cultural que se quer universitário.

As três pancadas do Teatro soaram nos corredores da Associação Académica de Coimbra (AAC), a 9 de Setembro de 1961,

com a VIII Edição do Festival Internacional de Teatro Universitário, Delfiada (Encontro Europeu de Teatro Universitário), com o espectáculo "Antígona", de Sófocles, orientado pelo Professor Paulo Quintela e levado à cena pelo Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC).

Desde os seus primeiros anos que apresentava uma programação que ia desde o cinema, ao teatro, passando pela dança e ópera, num panorama que tocava não só o local e nacional, mas também o internacional.

É neste sentido, que na segunda metade da década de 80, o Teatro recebe o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI), organizando ainda o 1º Congresso Luso de Teatro e o Projecto de Itinerância da Secretaria de Estado da Cultura.

Em 1985 o Teatro, que inicialmente, por proposta do TEUC, na pessoa do professor Paulo Quintela, se designava de Gil Vicente passaria a designar-se de Teatro Académico de Gil Vicente.

Aquando das comemorações dos 30 anos, em 1991, é de destacar a organização

de espectáculos musicais do Ciclo de Vozes do Céu, com a participação de Mísia e Amália Rodrigues. Também em 1992 o TAGV torna-se oficialmente a sede de Coimbra - Cidade Capital do Teatro.

Entre 1993 e 1994, o TAGV encerra as suas portas ao público para obras de remodelação, sob a orientação do arquitecto André Santos. Avaliadas em cerca de 200 mil contos, procedeu-se à ampliação do palco, à insonorização da sala e do foyer (zona também usada para exposição) entre outras reformulações. Inicialmente, o TAGV comportava cerca de mil lugares; com esta remodelação a lotação do anfiteatro decresce para 787 lugares, no entanto com infraestruturas mais qualificadas à execução de projectos. O bar do TAGV, designado Café-Teatro, torna-se, a partir daí, um espaço alternativo para a realização de iniciativas de vária índole.

Com um novo espectro arquitectónico, o TAGV reabre as suas portas em Dezembro de 1994.

Em conversa com A CABRA, a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de

Coimbra, Teresa Portugal, reconhecendo a colossal importância do TAGV, saúda o Teatro pela data da comemoração dos 40 anos. Considera o organismo "como um equipamento cultural essencial para a cidade de Coimbra" admitindo mesmo que, sem a relação protocolar e cooperativa existente entre as duas entidades, não seria possível a realização de alguns projectos.

A Academia também felicita o TAGV, na pessoa de Dina Lourenço, responsável pelo Pelouro da Cultura da AAC. Relativamente à política cultural que a instituição apresenta, entende que peca pela dificuldade que as secções culturais enfrentam, bem como a quantia financeira requerida, para apresentar as suas iniciativas culturais, nomeadamente as secções de teatro e o Centro de Estudos Cinematográficos. No entanto, não esquece a "boa vontade com que o organismo acolhe as propostas da AAC, assim como a concorrência cultural de que ele é alvo, já que funciona como teatro da cidade".

O jazz visto à lupa por Carlos Alberto Moniz

“Uma superior forma de expressão musical”

No âmbito do V Ciclo de Quartas Coimbra Jazz, Carlos Alberto Moniz traça as principais linhas do projecto, que se pautam pela divulgação dos novos valores desta vertente musical e pela adesão de um público cada vez mais jovem e interessado.

Fátima Rachinhas
Gabriela Domingues

Carlos Alberto Moniz, orquestrador e compositor, desde cedo apaixonado pela música, é um homem dedicado a vários projectos. A sua longa carreira inclui passagens pela televisão, rádio e cinema. Conhecida figura pública, está desde sempre ligado à organização do ciclo de Quartas Coimbra Jazz, do qual é o grande impulsionador. A CABRA foi descobrir a ligação do homem que muitos conhecem como cantor infantil com o jazz que se ouve e sente na Lusa Atenas.

Quem tomou a iniciativa para a realização do V Ciclo de Quartas Coimbra Jazz?

Esta é uma iniciativa “vasquiana”, ou seja, foi o Dr. Vasco Pereira da Costa que um dia se lembrou que eu, sendo músico e fazendo parte do meio, seria a pessoa indicada para ir escolhendo os músicos e a forma de apresentar os espectáculos.

Como é que surgiu o nome Ciclo de Quartas Coimbra Jazz para referir o evento?

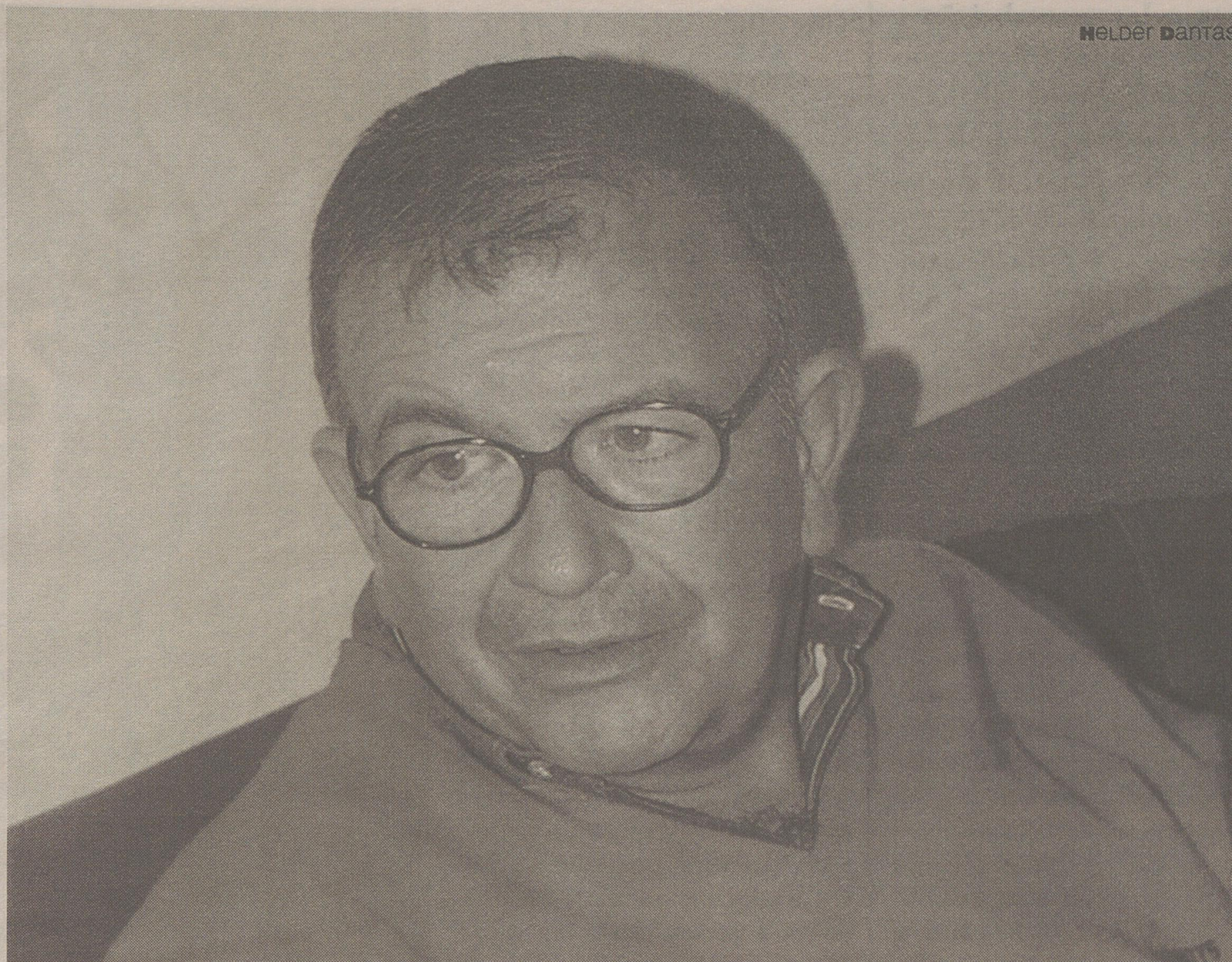
Chamar Ciclo de Quartas é uma linguagem musical, pois de quarta em quarta é uma expressão da qual todos os músicos conhecem o significado e também porque os espectáculos se realizam às quartas-feiras.

Que espaços culturais da cidade têm vindo a ser utilizados para a realização do certame?

No primeiro ano foi numa sala pequena na Casa da Cultura e nós, com o receio de não haver uma grande adesão ao jazz, chegámos a colocar a hipótese de pôr mesas com linguças e com uns “copitos” para chamar o público. Felizmente não foi preciso, as pessoas foram gradualmente aparecendo. No outro ano, fomos para uma sala no Instituto Português da Juventude (IPJ), que também começou a encher. Nos últimos três anos, fazemos os espectáculos no Teatro Académico Gil Vicente (TAGV), onde as pessoas vão aparecendo, se bem que hoje em dia, passados cinco anos, já há muitos espectáculos por aí.

Qual o critério que presidiu à escolha dos grupos participantes no evento?

Temos mantido sempre uma



Amante fervoroso da música, Carlos Moniz dinamiza o “Coimbra Jazz”

preferência por músicos portugueses, trazendo estilos diferentes e, de ano para ano, arriscando progressivamente no menos imediato do jazz. O critério principal é a qualidade, sem esquecer de dar lugar aos músicos portugueses, que são muitos e fazem bom jazz em Portugal.

Como é que convida os músicos a participar no Ciclo de Quartas?

Como estou inserido no meio, assisto aos concertos, converso com os músicos e vou sugerindo que comecem a preparar o repertório para os espectáculos a realizar em Coimbra no mês de Outubro.

O público visado neste tipo de evento abrange todas as faixas etárias?

Para a vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Dr^a Teresa Portugal, que foi uma das mentoras deste projecto, tem sido um ponto de congregação de várias faixas etárias, principalmente da juventude. Noventa por cento do público são jovens, o que muito me agrada. Além disso, é um público que sabe o que vem ver e que tem um profundo respeito patente na maneira como aplaudem no fim, como exigem que os grupos façam um extra. Isto revela que as pessoas vêm aqui por gosto e a saber o que é que estão a ouvir. Não vêm aqui só para dizer que foram ao jazz.

Acha que em Portugal há um público específico para jazz ou é algo cíclico que tem uma adesão temporária não se chegando, porém, a criar raízes?

Penso que o jazz está a “criar a normalidade” da presença do público nos espectáculos. É provável que haja mais público a ver jazz do que ballet, ópera ou mú-

sica de câmara. Quem se dedica ao jazz geralmente são pessoas apaixonadas por música, porque para tocar numa orquestra basta saber ler e para ser compositor basta saber escrever. No entanto, no jazz tem de haver um misto desta situação: tem de se saber ler para expôr o tema, tem de se ser compositor para improvisar e tem de se ser um bom “conversador”. No jazz, como na conversa, não falam duas pessoas ao mesmo tempo, exigindo portanto uma atenção especial e várias capacidades simultâneas.

Quais as maiores preocupações com que se debateu a organização?

No que me compete, tem sido a escolha e o convite feito aos músicos, tentando não repetir na mesma época nomes de músicos. Já aconteceu, por exemplo, vir o Benny Golson, um dos grandes músicos americanos de jazz, tocar com Bernardo Moreira e outros músicos portugueses. Seria, portanto punitivo, dizer a Bernardo Moreira, que, uma vez que já tinha tocado com o Benny Golson, não voltasse cá, sabendo que, naquele ano, seria possível juntar, num acontecimento inédito, os três irmãos Moreira.

Quais as dificuldades que tiveram de ultrapassar para levar a cabo o projecto?

Não tive dificuldades, porque quando acaba um festival destes ficam já muitos grupos e músicos convidados para o outro ano. Há sempre muita oferta a nível de músicos jazz dispostos a estar presentes no certame.

Qual o estatuto que este Ciclo Jazz tem ganho no panorama nacional?

Este Ciclo tem-se imposto perante os eventos de jazz, principalmente pela coerência do tra-

balho que desenvolveu e tem vindo a desenvolver. Este festival promove a divulgação ao máximo dos valores do jazz português, abrindo pontualmente excepções para a integração de músicos estrangeiros.

Qual o papel da “jam session” no Ciclo de Quartas?

A “jam session” promove um dos valores fundamentais do jazz: a improvisação. Na “jam session” a organização põe uma mesa no palco com comida e bebida e só come quem toca. Tem sido um princípio desde o primeiro dia. Já cá tivemos percurcionistas de rua que vêm para tocar... e comer. Cria-se assim um ambiente descontraído, reduzindo-se a distância entre o público e os músicos.

Este tipo de evento irá ter continuidade?

Da minha parte sim, porque hoje em dia há muitos festivais onde se divulga o bom jazz que se faz em Portugal.

Quem gosta deste tipo de música já não precisa de se deslocar além fronteiras, porque muitos dos valores estrangeiros e nacionais tocam no nosso país.

Como é que surgiu a sua paixão pelo jazz?

Eu sou músico profissional e há três gerações que existem músicos na minha família. O meu avô era violinista e orquestrador, o meu pai tocou piano numa “big band” de jazz e, por isso, habituei-me desde pequeno a aprender a ouvir este tipo de música e a distinguir os “aldrabões” dos que fazem isto a sério. As paixões não se explicam...

Para si, o jazz é a expressão musical por excelência?

O jazz é, sem dúvida, uma forma superior de expressão musical.

Os espectáculos

24 Outubro

Quinteto de Ruben Alves

Ruben Alves – Piano
Pedro Carneiro - Vibrafone
Paulo Gaspar - Clarinete
Alexandrew Frazão - Bateria
Massimo Cavali - Contrabaixo

O Quinteto de Ruben Alves apresenta um espectáculo com temas originais com influências de raízes étnicas que privilegiam o som acústico.

31 Outubro

Trio de António Pinho Vargas

António Pinho Vargas - Piano
José Nogueira - Saxofone
Rui Júnior - Percussão

António Pinho Vargas toca jazz e música improvisada e compõe música para teatro dança e cinema. Recebeu por três vezes o Prémio de Imprensa “Sete de Ouro” para o melhor disco instrumental do ano.

7 Novembro

João Paulo Esteves da Silva

Piano Solo

As suas influências musicais provêm da cultura musical francesa, dado que viveu grande parte da sua vida em França. Trabalhou com nomes da música portuguesa como Fausto, Sérgio Godinho, Vitorino e colabora regularmente com Mário Laginha, Pedro Burmester, Maria João, entre outros. Foi distinguido com o Prémio José Afonso atribuído pela primeira vez a um arranjador.

14 Novembro

Trio de Carlos Barretto

Carlos Barretto - Contrabaixo
Mário Delgado - Guitarra
José Salgueiro - Bateria

Frequentou a primeira escola de jazz do país - Hot Clube de Portugal. No início da profissionalização do jazz em Portugal, Carlos Barretto colaborou com músicos como Mário Laginha, Carlos Martins e Mário Barreiros. Em Paris, actuou nos mais prestigiados clubes de jazz. Os seus concertos pelo continente europeu não deixaram a crítica especializada indiferente.

21 Novembro

Jam Session

Colaboração: Hot Clube de Portugal.

Efectuado um balanço positivo, grupos de teatro da academia continuam a apostar no dinamismo e na criatividade

Três pancadas, novo ano

Não são três, mas nove as pancadas que abrirão o próximo ano. Devidamente repartidas pelos três grupos teatrais da Academia, marcarão o início da realização de novos projectos e ideias. A CABRA falou com o CITAC, o TEUC e o GEFAC não só sobre o ano que passou, mas também sobre os planos que guardam para o futuro. Apesar das diferenças inerentes, é comum o desejo de progredir e inovar. Só que ainda é cedo para grandes revelações.

Paula Velho
Ângela Neves
Maria João Lopes

GEFAC: não é só teatro

Fundado em 1966, o Grupo de Etnografia e Focllore da Academia de Coimbra (GEFAC) tem desenvolvido um trabalho de recolha, tratamento e divulgação das manifestações tradicionais numa forma criativa que acentua o sentir das próprias populações. Nesta perspectiva, o ano transacto foi particularmente rico em espectáculos, conferências e outras iniciativas culturais que englobaram várias áreas desde os cantares, a dança, o teatro e as crenças do povo português. Em entrevista à CABRA, Francisco Lopes da Direcção do GEFAC entende que “a cultura popular não é algo estático como fazem os ranchos folclóricos e por isso o GEFAC vai beber às tradições populares mas entende-as como algo dinâmico e inter-cultural na procura de abrir janelas da cultura do Homem e das várias maneiras que o Homem arranjou de se relacionar com o meio”.

O espectáculo mais mediático foi sem dúvida o “Sete Luas” textos de João Maria André e concepção artística de João Curto e que estreou no dia 26 de Outubro de 2000 no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). As sete luas correspondem a sete figuras despertadas pela imaginação popular: a bruxa, o lobisomem, o fradinho da mão furada, o diabo, o olharapo, a sereia e a moura encantada. O espectáculo foi levado aos quatro cantos do país como Gouveia, Águeda, Porto de Mós e fez mesmo parte do programa oficial da Queima das Fitas. Na opinião de Francisco Lopes, com o Sete Luas “o GEFAC deu um salto não em termos de qualidade mas em termos da renovação, da estrutura e da filosofia. O Sete Luas ajudou a dar um novo passo na medida em que os espectáculos anteriores seguiam um certo roteiro das tradições populares. O espectáculo centra-se em torno de sete figuras e ganhou uma nova construção cénica de mistura das diferentes regiões culturais. Houve uma aposta no terreno da dança contemporânea muito modesta, porque não temos formação nessa área.”

Mas nem só das luas que “pa-

ra além dos crescentes e dos min-guantes” despertam “os seres estranhos nos sonhos da sua memória” viveu o GEFAC. Neste ano, outros espectáculos foram recuperados como “o Eterno Compromisso” que foi levado à cena no Festival Cantigas de Maio, uma iniciativa da Associação José Afonso, no Seixal e na Alemanha, em Kaiserslautern, em Setembro, uma vez que o “Sete Luas” ainda estava em preparação. Houve participação em alguns programas da televisão pública com a Brigada Víctor Jara, colaboração esta que é cada vez mais intensa, e também na Aula Magna, Rivoli e mesmo na Festa do Avante com o Grupo de Danças e Cantares do GEFAC e na Sociedade Portuguesa de Autores. Outra das peças do grupo foi o entremez de teatro popular mirandês, a “Vida Alegre do Brioso João Soldado”, que passou por Tondela, Góis, Luso, Vimioso. Aliás, o Teatro Popular Mirandês tem recebido atenção especial com um conjunto de regras de representação transportadas que se traduzem num cenário muito simples e onde os actores não podem virar as costas ao palco.

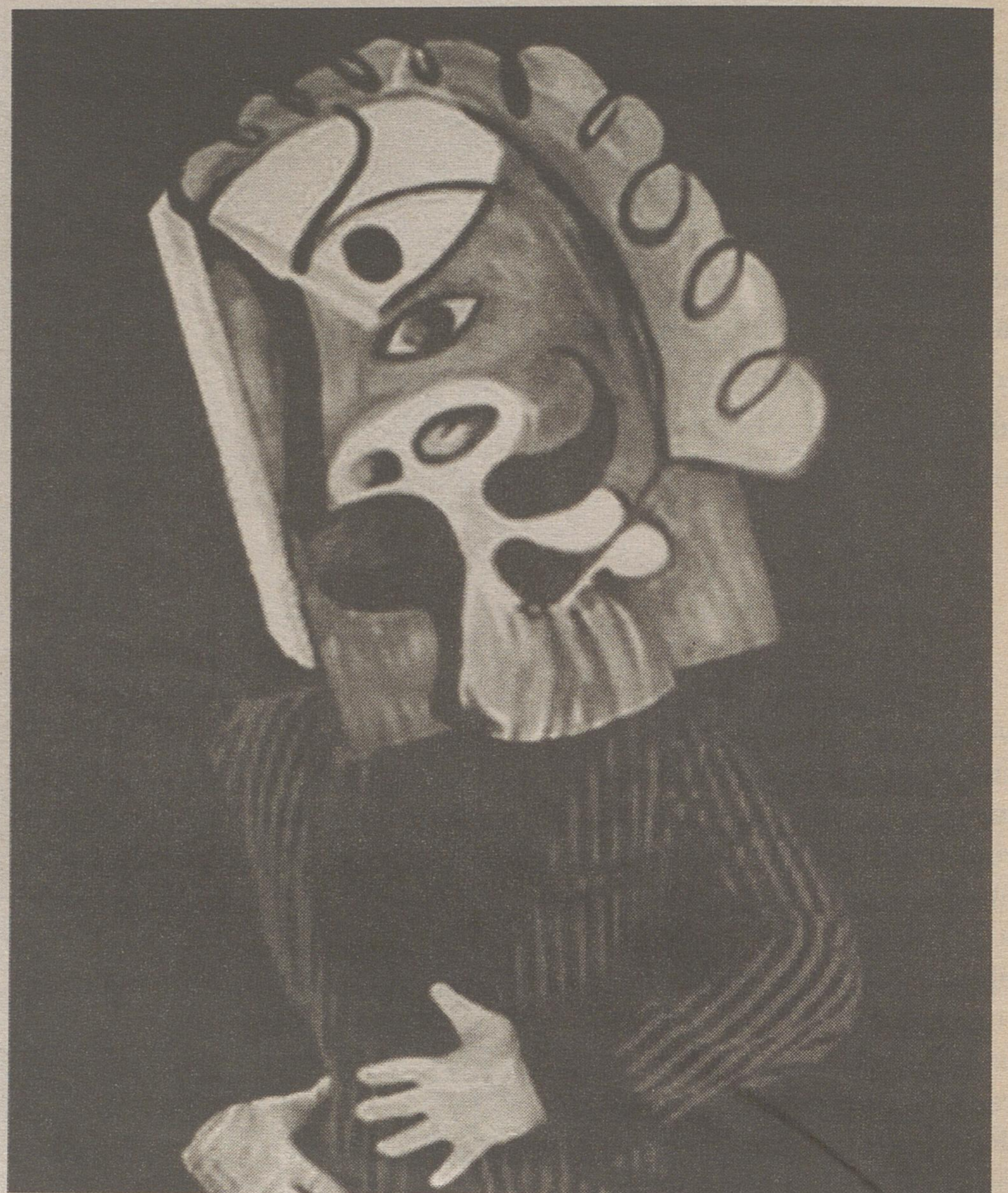
Para o próximo ano, os projectos revelam-se ambiciosos mas nada está ainda confirmado. O GEFAC vai apresentar - “O Entremez do Jacobino”- que resulta de um exaustivo trabalho de recolha de textos na região de Miranda do Douro.

Espera-se uma participação nas comemorações dos 40 anos do TAGV, possivelmente com o espectáculo “Sete Luas” como informou Francisco Alves mas “ainda não está nada decidido”. Um projecto que se pretende vir a realizar são as Jornadas de Cultura, cuja última edição foi em 1997, com o tema “Os Povos e a Música” e que compreenderão uma série de espectáculos musicais, exposições e congressos. Neste momento, está-se a trabalhar na edição de um livro sobre o teatro popular mirandês, aposta-se na recolha musical e há um projecto de um cd que se espera “vir a trazer alguma projecção ao GEFAC”.

Um olhar sobre o CITAC

O CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Universidade de Coimbra), em entrevista ao Jornal A CABRA faz um pequeno balanço de como correram os projectos elaborados no ano anterior e lança ainda um olhar sobre os planos para o ano 2001/2002. Neste sentido, no ano passado teve início o curso de formação teatral e respectiva apresentação e ainda duas peças escritas e produzidas por membros internos do CITAC. Por outro lado, durante o curso de formação ocorreu uma performance intitulada “Torre”, com orientação a cargo de Tiago Espanha e Ricardo Ceisse realizada no Edifício da Associação Académica, que não dispensou os calorosos elogios e palmas do público. O CITAC participou ainda no evento “Sousa Bastos vivo”, uma performance pequena, orientada por Pedro Bastos como forma de homenagear a personalidade em questão. Apesar de ser difícil falar em resultados mercê da parcialidade inerente, os membros do CITAC fazem um balanço positivo do seu trabalho tanto a nível de formação como a nível de trabalhos apresentados às pessoas presentes. Importante será também focar que o CITAC abre cursos de formação teatral em alternância com o TEUC, de modo a promover um certo equilíbrio, concluindo-se facilmente que há uma grande adesão, visto muitos concorrentes ficarem privados de frequentar este curso dado o limite de vagas.

Em relação ao ano que se segue, o CITAC, apesar de não ter propostas em concreto devido a questões organizativas, tem alguns planos na manga. Para o próximo ano o CITAC está a trabalhar num plano de actividades, o qual em princípio integrará uma peça a estrear provavelmente em Janeiro/Fevereiro de 2002 e que contará com a presença de um realizador convidado, sendo sem



Grupos de teatro revisitados

dúvida a grande aposta deste ano. Por outro lado perspectiva-se também a elaboração dos “Cadernos do CITAC”, já que ultimamente não têm surgido publicações algumas, a preparação do próximo curso de formação teatral e ainda a organização de um workshop de técnica de clown a decorrer na semana de 22 a 28 de Outubro. Eventualmente as sessões de poesia terão o seu prolongamento, mas agora revestidas de uma nova roupagem na medida em que os ciclos de poesia irão ser efectuados à meia noite como é habitual e irão, se possível, estender-se pelo meio dia. Esta iniciativa está integrada numa perspectiva educativa pois as poesias lidas, são as que constam nos conteúdos programáticos de Língua Portuguesa leccionados nas escolas. Há ainda mais uma ideia que se prende com uma produção in-

terna, mas está dependente da criação de textos e da disponibilidade de algum pessoal. Há sempre a hipótese de fazer pequenas peças, mais modestas a nível de despesas, trabalhando com efeito, um pouco na ideia do experimentalismo e pesquisa, não descurando claro a necessidade de trabalhadores profissionais, nomeadamente encenadores para a concretização de eventos deste género. Partindo do pressuposto da importância de criar, de ser autodidacta e a título de exemplo surgiram peças o ano transacto como “O Ventre” e “A Máquina” que surtiram um efeito bastante positivo.

Em suma, o CITAC mostra-se orgulhoso do passado e expectante quanto ao futuro, mas sempre com vista a melhorar, aperfeiçoar e progredir, desenvolvendo assim a própria instituição e respectivo grupo de trabalho.

TEUC: Um percurso em forma de rampa e contínuo

Muito empenho e uma boa dose de ambição parece ser a fórmula que melhor explica o sucesso do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) no passado ano. Um balanço bastante positivo sustentado na realização de duas peças: “O Tio Vânia” e “Sonho de uma Noite de Verão”. A primeira traduziu-se no exercício final do curso de iniciação teatral, mas foi a segunda que marcou historicamente o TEUC. De acordo com Luis Rodrigues, presidente da Direcção do TEUC, “demos um grande salto”. Encenada por António Mercado, possibilitou que para além de inúmeras pessoas do TEUC, também entrassem na peça alunos do curso de teatro da Escola Superior de Educação com a qual foi estabelecido um acordo. A lotação desta peça

esteve sempre esgotada o que exigiu uma sessão extra. Foi com a mesma curiosidade e satisfação que o público de Évora ou de Aveiro recebeu o evento, cidades até às quais se estendeu o projecto. «“Sonho de uma Noite de Verão” abriu o TEUC à cidade, aliás foi essa a nossa proposta, a de oferecer algo a Coimbra. E resultou. A divulgação da peça também foi outro factor importante. O nosso orçamento ascendia a quatro mil contos. Foi uma super produção», acrescenta Luis Rodrigues.

Para este ano, o TEUC tem já algumas ideias. Depois da concretização do corrente curso de iniciação teatral que tem pela primeira vez três vertentes, uma artística, outra técnica e ainda de produção, têm apenas em mente até à data a realização de duas peças. A pri-

meira produção será em Abril e consistirá no exercício final deste curso. Apesar de ser ainda uma incógnita, a peça conta já com a encenação de Rogério de Carvalho e acontecerá no TAGV. Foram esclarecidas algumas divergências que existiam com o TAGV porque parecia-nos que havia alguma indisponibilidade em receber os grupos da academia. Tentamos esclarecer isso e de facto com uma nova direcção há outra abertura”, clarifica Luis Rodrigues. A segunda produção do TEUC não foi igualmente escolhida, mas será em Outubro do próximo ano lectivo.

“O TEUC está sempre a tentar ir mais além. O nosso percurso deve ser em forma de rampa e contínuo. Esse é o nosso objectivo”, conclui Luis Rodrigues.

RUC lança nova grelha

Mais 107.9

A Rádio Universidade de Coimbra vira mais uma página da sua história com o lançamento de mais uma grelha de programação. José Carlos Santos, presidente da administração da RUC, fala sobre esta nova aposta.

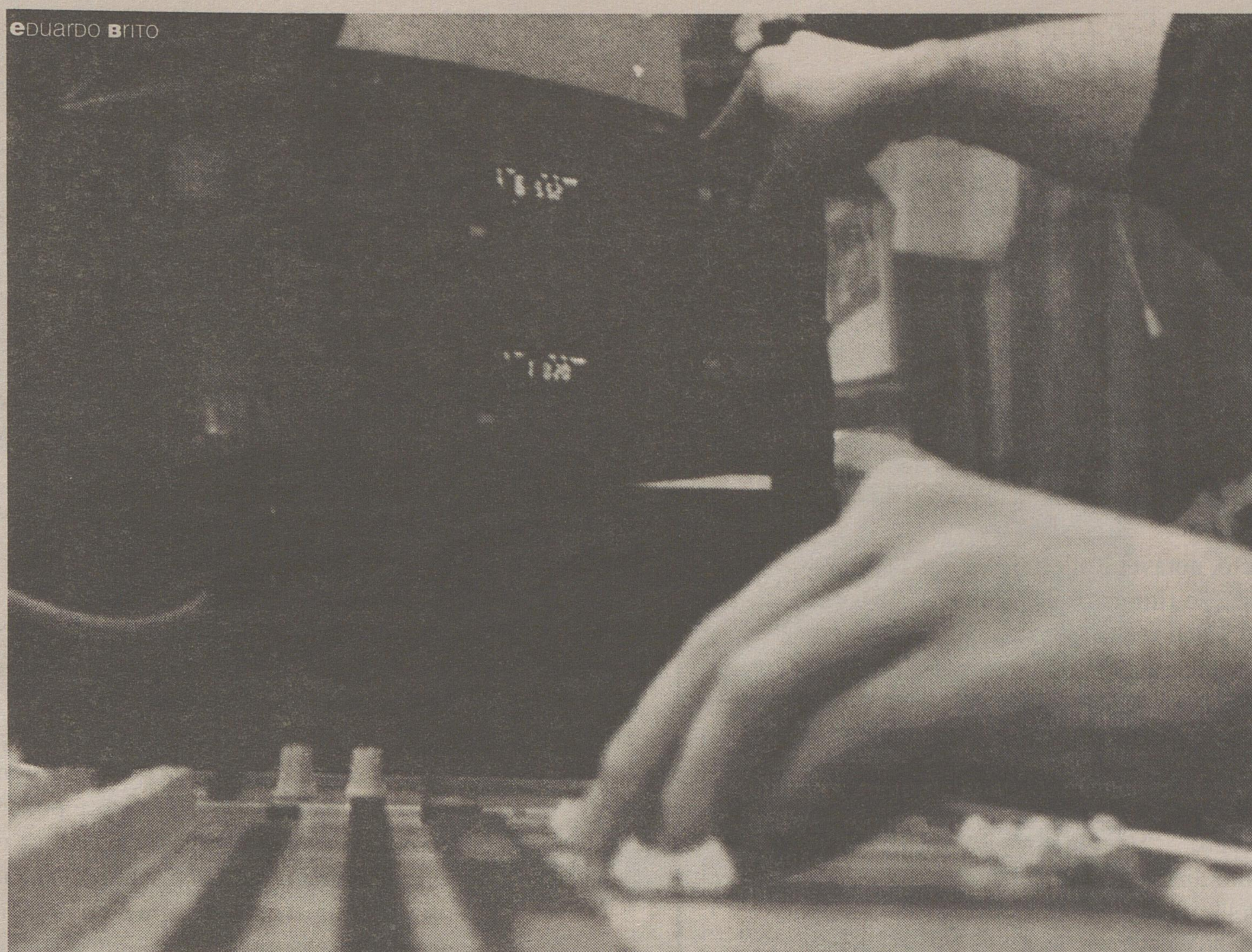
Diogo Serras

João Pedro Marques

A nova grelha de programação da RUC já está no ar. Decorre hoje, pelas 18h30 no Centro Cultural D.Dinis, a cerimónia de apresentação do novo alinhamento dos 107.9 FM, que oferece muitas novidades a par de alguns programas que transitam da grelha anterior. Dar a conhecer às pessoas o que há de diferente e que não se ouve nas outras rádios é um dos objectivos da nova programação, segundo José Carlos Santos.

Pretende-se uma rádio "eclectica e generalista" que não jogue segundo regras de mercado e onde haja espaço para os diversos tipos de audiência. É, no fundo, uma filosofia de serviço público que está subjacente a esta nova programação. Assim, a antena reparte-se entre programas que abarcam diversos estilos musicais (desde o rock, o pop, passando pelo jazz, pela música clássica e também a música de dança, não esquecendo ainda a música étnica), programas de debate e discussão, e muita informação: sobre o mundo, o país, a cidade e, claro, uma aposta forte na informação académica.

Este ano vai mesmo haver mais rádio, na medida em que há um maior número de horas de emissão. De segunda a sexta-feira a RUC vai para o ar das 8h00 às 3h00 do dia seguinte e aos fins de semana as emissões começam logo a meio da manhã. Esta situação, que já não se registava há alguns anos, foi potenciada pelo aumento do número de pessoas que trabalham na Rádio Universidade. "Mais pessoas fazem mais rádio", como sublinha José Carlos Santos. Há pois, a possibilidade de oferecer mais e melhor aos ouvintes, numa programação que se quer "útil, diferente e interessan-



Nova grelha da RUC mantém o mesmo espírito

te".

Novos programas...

Um dos destaques vai para o "Rumores do Planeta", um programa de música étnica que, depois de alguns anos de ausência, volta à antena para dar a conhecer a(s) música(s) do mundo que pouco ou nada têm a ver com os cânones da música anglo-saxónica que dominam os tops de vendas um pouco por toda a parte. Ainda sobre música étnica, é de salientar o facto do "Ecos do Paraíso", um dos melhores programas do género em Portugal, no dizer do presidente da administração da RUC, continuar a ter lugar na nova grelha.

As línguas do mundo ocidental vão também ser ouvidas na frequência da Rádio Universidade durante as emissões de "English Books" e de "Francophonies", duas das apostas para este ano. Em inglês e em francês, respectivamente, estes programas apresentarão, no espaço de uma hora cada, uma amostra do que são as culturas anglófona e francófona. São duas emissões semanais dirigidas particularmente aos estu-

dantes estrangeiros e de línguas e literaturas da universidade mas também a toda a comunidade em geral.

"Grande Música Negra" é outra das novas apostas da RUC. Para José Carlos Santos, este é "um projecto arrojado" cujo propósito é reconstituir toda a história da música negra. Para todas as cores, às sextas, entre as 23h00 e a 1h00.

A programação 2001-2002 tem também a estreir um espaço dedicado às questões laborais. Fruto de um acordo entre a RUC e o Instituto para o Desenvolvimento e Inspecção das Condições de Trabalho, nasceu o "Trabalho Com Vida", todas as quartas-feiras, das 21h00 às 22h00.

Realçando a vontade de alargar o público ouvinte a outras faixas etárias além da que se apresenta como alvo privilegiado (situada entre os 15 e os 35 anos grosso modo), a RUC apresenta "Coca Bichinhos" nas manhãs de sábado. "Coca Bichinhos" é um programa infantil com teatro e histórias da carochinha ou nem tanto, frisou José Carlos Santos.

A par destes e de muitos outros novos programas, a RUC mantém alguns que transitam da

grelha anterior. Destaques para "Metro", "Polissemias", "Canções Para Quase Todos", "Escrita da Terra", "Série B", "Camartelo" e "Santos da Casa". Outros há que, não mantendo a mesma designação, herdaram de programas anteriores uma certa maneira de estar e de fazer rádio. Assim, quem no passado ouvia a "Pílula do Dia Seguinte" pode agora acordar com o "Dez Café", os ouvintes do "Cardeal Violeta" têm agora o "Pi" meia hora mais cedo, e a agenda cultural, pedra de toque do "Triângulo", pode ser acompanhada quando o "Trapézio" for para o ar, agora também ao fim-de-semana.

..e mais informação

A RUC vai ter mais informação e a horas diferentes. A grande novidade nesta área é o programa de abertura das manhãs de segunda a sexta-feira chamado "O Padeiro Toca Sempre Duas Vezes". Das 8h00 às 10h00 da matina, o "Padeiro" será uma presença quotidiana agradável e útil com informação relativa ao trânsito, com os destaques da imprensa diária, focando ainda temas tão variados

como internet, saúde, media e política nacional e internacional. Vai ter os olhos postos em Coimbra e no mundo com momentos musicais intercalados e sem as grandes doses de publicidade que as outras rádios impõem nesse mesmo horário considerado por estas o mais nobre do dia.

A informação diária, de segunda a sexta, é assegurada por dois blocos principais de notícias, às 18h00 e às 22h00, e por vários flashes informativos ao longo do dia nos sinais horários das 9h00, 17h00, 21h00 e das 0h00. José Carlos Santos sublinha a importância que a informação tem para a RUC na medida em que esta se constitui como um dos principais elos de ligação entre a comunidade académica e a rádio. Isto porque muitas notícias dizem directamente respeito aos estudantes e, muitas vezes, não encontram espaço noutros órgãos de informação. Para além dos noticiários, na RUC há também espaços onde se privilegia o debate e a reflexão. Salientem-se o "Polissemias", o "Camartelo", o "Associações de Facto" e uma novidade chamada "Diplomaticamente Falando" que versa sobre política e questões internacionais.

Salienta-se ainda a transmissão, aos domingos, da versão radiofónica do programa "Acontece", celebrado pelo carismático apresentador Carlos Pinto Coelho, versão essa elaborada e cedida pelo próprio jornalista da RTP, à imagem do que faz também para a Rádio Universitária do Minho. Sendo um programa semanal, as reportagens culturais nele incluídas terão um carácter mais atemporal do que nas emissões televisivas diárias.

Com a nova grelha de programação, a RUC quer afirmar-se como um serviço público de qualidade, que privilegia, naturalmente, a comunidade académica em que se insere, mas que não esquece a população em geral, tentando oferecer uma programação variada e bastante diferente daquilo que se ouve um pouco por toda a parte. É, mais do que uma forma de fazer rádio, uma forma de estar.

Linha SOS Estudante

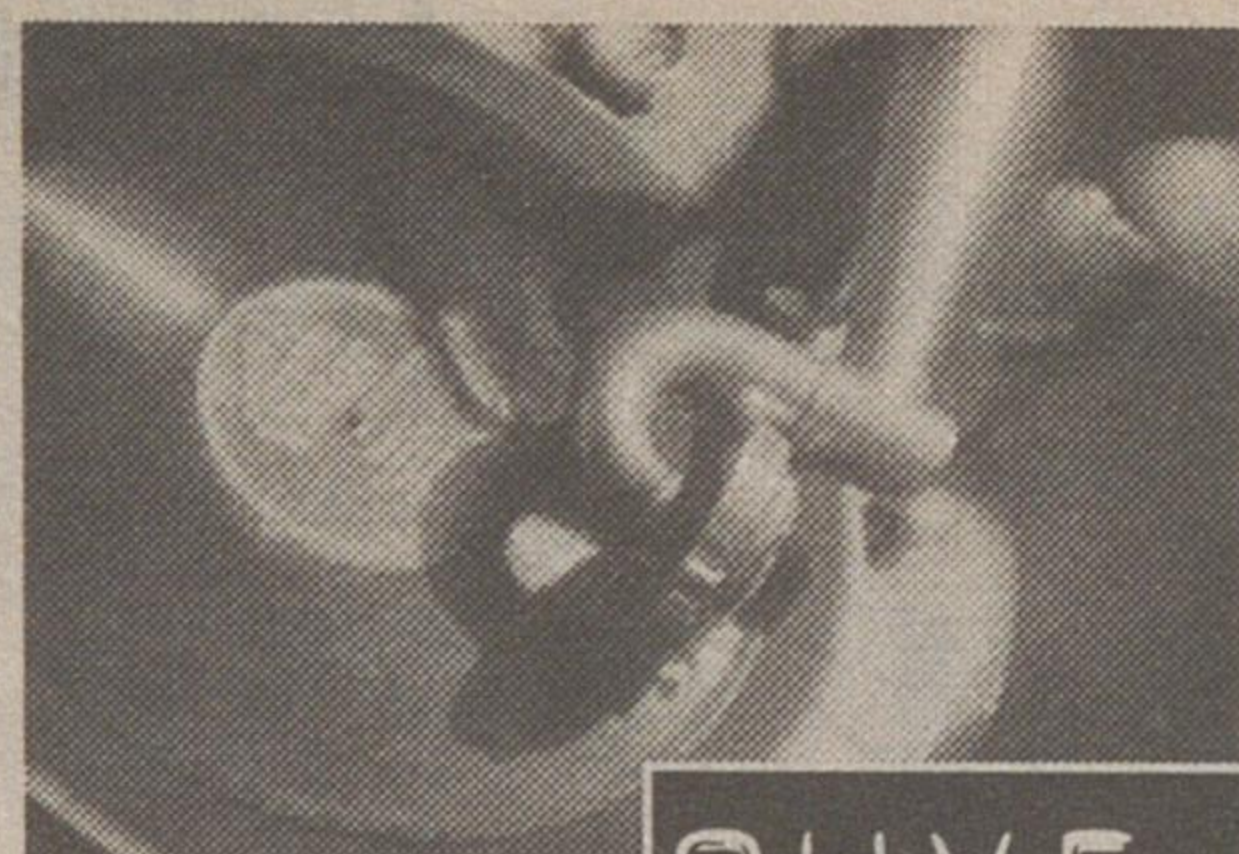
808 200 204

Das 20h à 1h

Preço de chamada local

RECRUTAMENTO
de
VOLUNTÁRIOS

até 5 de
NOVEMBRO



OUVE-SE

artes

Maturidade ao primeiro álbum

Hugo Ferreira

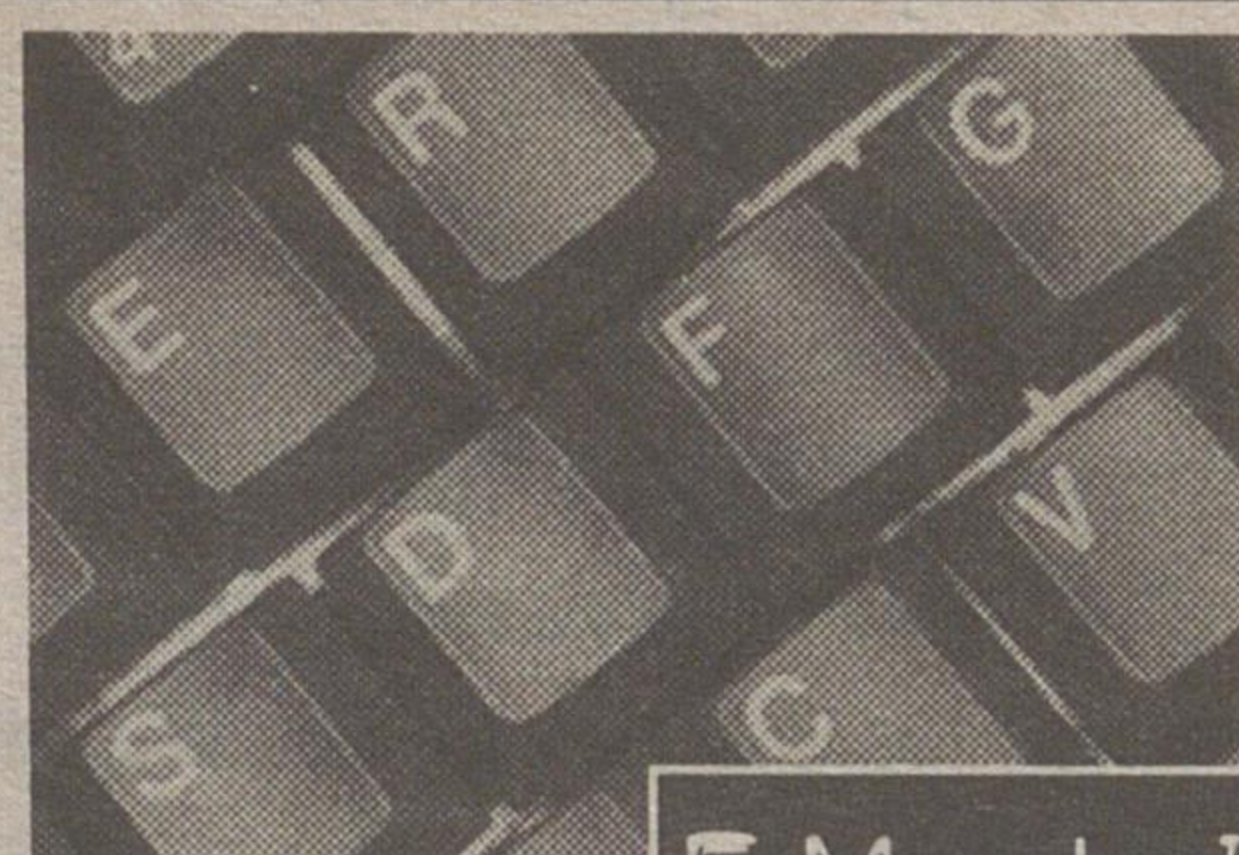
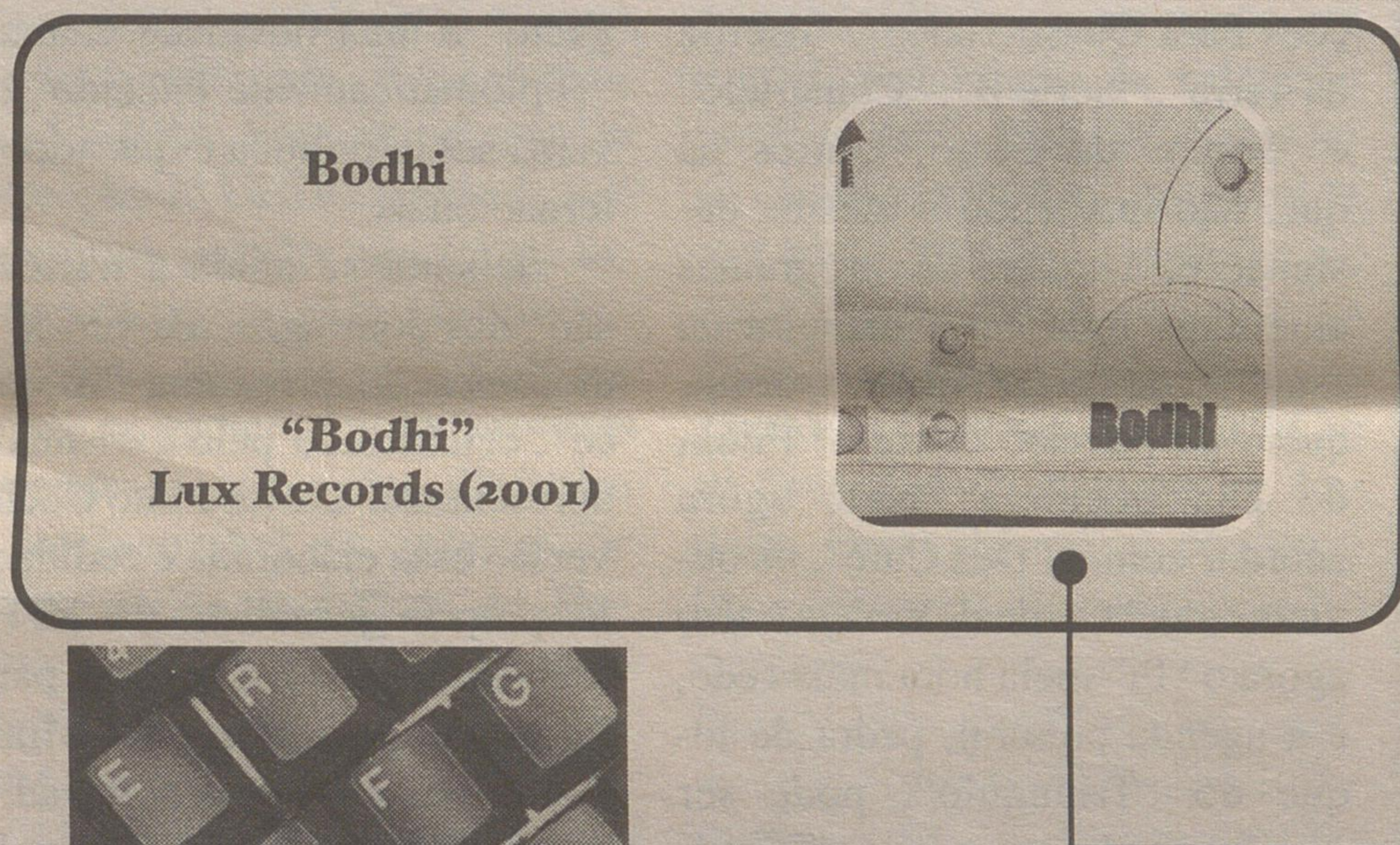
Depois de vencerem o Festival "Sempre no Ar", de serem rotulados como "afilhados do grunge" e de contarem com Miguel Guedes (dos Blind Zero) e Rui Duarte (dos Ramp) no seu trabalho de estreia, "The Haunted Sessions EP", longo tem sido o trajecto da formação de Coimbra liderada por Paulo Jacob até ao primeiro longa duração de originais.

A abertura ao som de "Coffee Break" mostra-nos um projecto maduro e renovado que, de Seattle, já tem muito pouco ou mesmo nada. Este é, provavelmente, o passo definitivo para a afirmação de uma banda que teimou em vingar mas que acaba por apresentar argumentos sob a forma de 14 temas muito bem produzidos onde se cruzam influências do pop/kitsch de Beck ao rock dos Sebadoh e Pavement, passando pelo noise, hip hop ou bossa nova.

O trabalho de guitarras é, de facto, notável e aperfeiçoado pela oportunidade com que se cruza com a secção rítmica. Não faltam as cordas e a manipulação da voz, até porque o único senão que se pode apresentar, depois de uma audição cuidada, é a linearidade do timbre vocal ao longo das várias composições, se bem que este detalhe em nada invalida ou rebaixa o magnífico trabalho evolutivo dos Bodhi.

Com um punhado de potenciais singles como o já referido "Coffee Break", o tropical/gótico (onde não faltam os coros) "Western Glands" ou os hinos pop "Alien Folk Imposure", "Hangin' Around" e "Beatnik Bee", as guitarras acabam por assumir ainda maior protagonismo ao som de "Apes of Academism" ou "Devol".

Contando com uma primeira edição numerada, limitada a quinhentos exemplares num digipack lindíssimo, a estreia dos Bodhi em álbum é uma surpresa bem agradável que nos dá o motivo que faltava para os considerar definitivamente como uma das melhores bandas de Coimbra.



Nuno Curado

Windows XP, vale a pena?

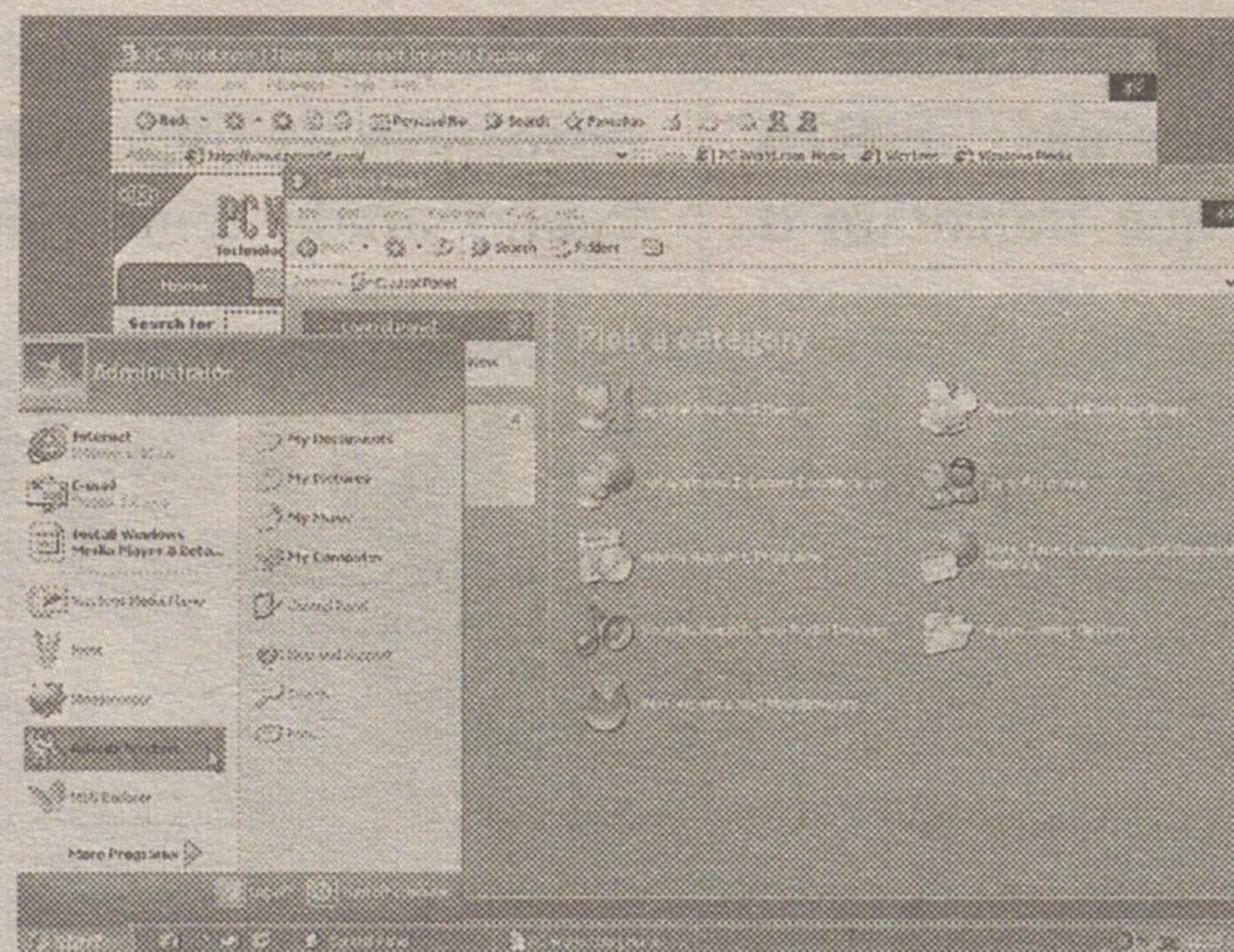
O Windows XP é o próximo sistema operativo da Microsoft a ser lançado. Este Windows XP é o fruto da tentativa por parte da Microsoft para unir todos os seus sistemas operativos numa só base. Até agora havia a família dos sistemas caseiros, tais como o Windows 98 e o Windows ME, e a família profissional, onde se engloba o Windows NT e o Windows 2000. O Windows 2000 estava inicialmente previsto para ser o sistema operativo que iria juntar as duas famílias, mas devido a atrasos e opções isso nunca aconteceu. Com o Windows XP a Microsoft pretende simplificar a escolha dos seus clientes e também resolver vários dos problemas crónicos dos seus sistemas operativos.

Neste momento, o Windows XP já está finalizado e já existem máquinas com esse sistema pré-instalado desde os finais de Setembro. No entanto, o lançamento oficial terá lugar somente no próximo dia 25 de Outubro. Em Portugal haverá dois dias de apresentação, dia 25 em Lisboa e dia 26 no Porto. Nestes eventos, onde será necessário fazer uma prévia inscrição, a Microsoft irá fazer uma apresentação das características e

funcionalidades deste novo sistema operativo.

Que versão escolho?

Este sistema operativo tem três "sabores": um para o utilizador caseiro, outro para os ambientes profissionais e ainda um ou-



tro para servidores (este fica de fora da nossa avaliação). A versão "Home" é uma evolução natural do Windows 98 e ME. Esta será a versão disponibilizada na maior parte dos computadores novos, tanto nos de linha branca como nos de marcas conhecidas. Tem as mesmas funcionalidades do Windows 98 e ME, mas introduz novas e mais eficazes opções de segurança para a Internet e um

melhor suporte para multi-utilizadores. A versão "Professional" é o substituto do Windows NT Workstation e Windows 2000 Professional. É um sistema operativo apontado às máquinas multi-processorador e às máquinas utilizadas em redes de média e grande dimensão. Para tal, esta versão possui ferramentas que facilitam a distribuição do sistema operativo por várias máquinas e que permitem a sua configuração com grande facilidade.

Posso correr o Windows XP?

Sendo o fruto da junção das duas famílias de sistemas operativos existentes até agora na Microsoft, o Windows XP tem um pouco de cada um dos sistemas operativos anteriores e ainda algumas coisas novas. E é também um sistema que consome muitos recursos do computador, devido ao seu aspecto gráfico e às suas funcionalidades. Qualquer computador com menos de dois anos terá as características mínimas para poder funcionar com o Windows XP. O processador tem de ter uma velocidade superior a 233Mhz, embora seja recomendado um com velocidade superior a 300Mhz. A memória

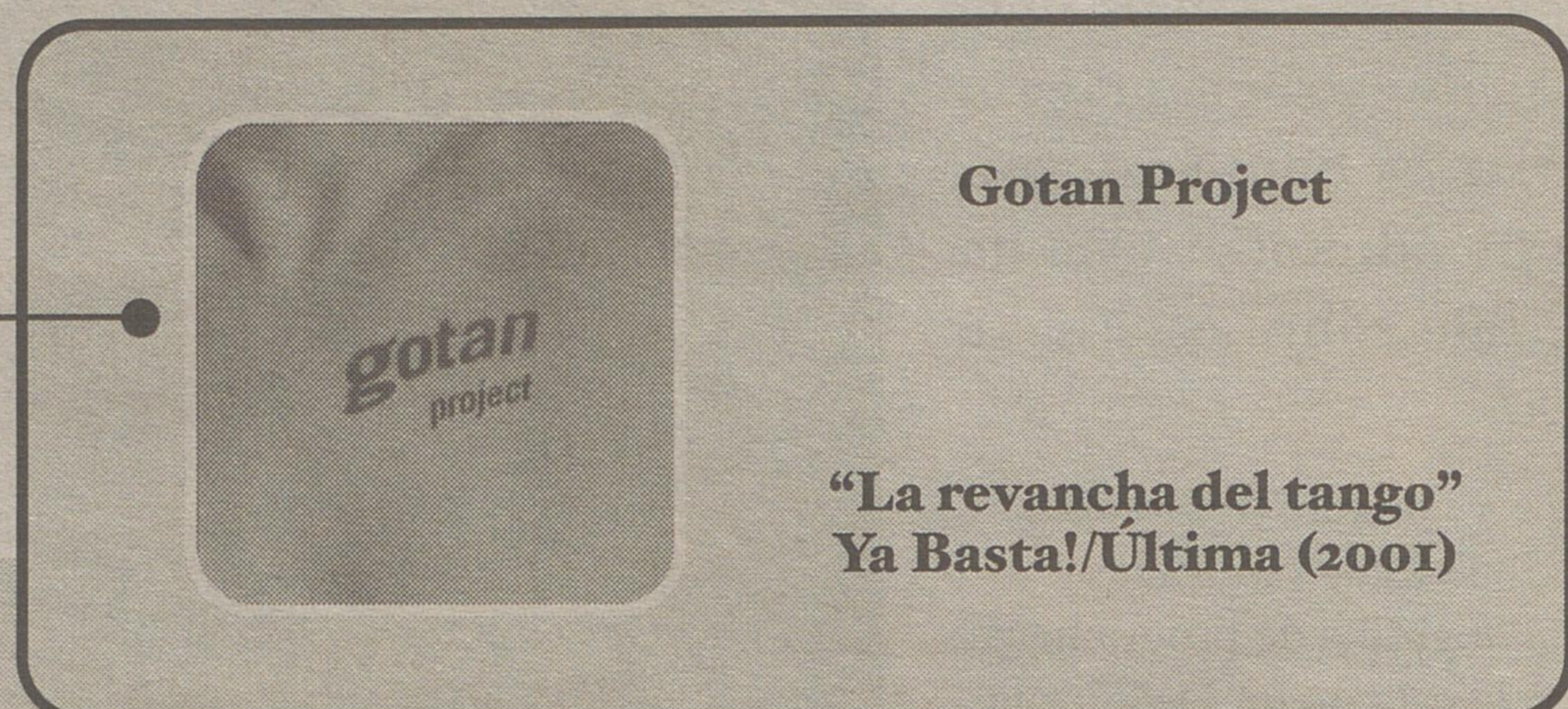
mínima são 64 Mb de RAM, mas nestas condições não se poderá aproveitar a remodelação gráfica que o Windows XP sofreu em relação aos seus antecessores. O Windows XP é muito mais "comilão" que os outros Windows. Para se instalar com todas as características, necessita de 1,5Gb de espaço livre e convém que o disco seja compatível com o protocolo Ultra-ATA66 ou ATA100 IDE, e que tenha um tempo médio de procura inferior ou igual a 10 milissegundos. A placa gráfica convém que tenha mais de 4Mb de memória, e se for AGP em vez de PCI ainda melhor. O CD-ROM tem de ser capaz de conseguir uma performance superior ou igual a 8X.

O Windows XP é um grande salto nos sistemas operativos da Microsoft, principalmente em relação aos sistemas "caseiros", como o Windows 98 e ME. Se tiver o dinheiro e não for utilizador do Windows 2000 vale a pena fazer o upgrade.

Para quem quiser saber mais:

<http://www.windowsxp.com>

<http://www.microsoft.com/portugal/eventos/windowsxp/>



De volta ao sul

Rui Caniço

Quando o sonho nasceu em Paris há coisa de três anos, o francês Philippe Cohen Solal (homem com vasto currículo no campo da composição para cinema, publicidade, televisão e música), o suíço Cristoph H. Müller (programador de ritmos e baixista) e o argentino Eduardo Makaroff (guitarrista e ideólogo) estavam longe de imaginar que no ano da Odisseia no Espaço essa utopia se poderia revelar num dos apontamentos estéticos mais estimulantes da nova música popular.

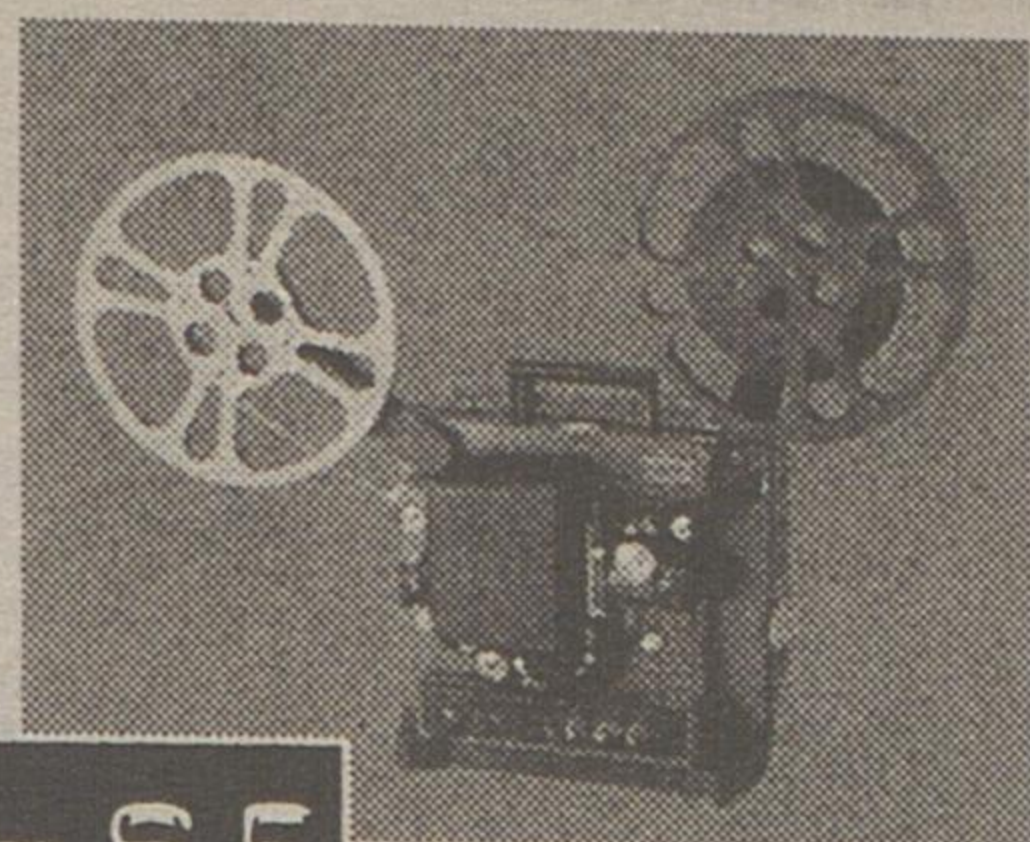
Tendo como base laboral a revitalização de um género musical quase secular injustamente esquecido - o tango - o trio procurou com as ferramentas da electrónica e, sobretudo, com as experiências de músicos argentinos emigrados nas margens do Sena, dar uma nova alma ao estilo e, igualmente, vingar, tal como anuncia o título, o legado deixado pelo povo das Pampas (com Astor Piazzolla à cabeça).

"La Revancha del Tango" pretende ser não só um exercício estilístico em torno de um género concebido por instrumentos como o bandoneon, piano, guitarra, violino e guitarra acústica mas também pelos (in)imagináveis mundos de Frank Zappa (ouça-se a versão de "Chunga's Revenge" - já por si só um manifesto de carinho para com os conspiradores do projecto).

Reavaliam-se ainda os pormenores fílmicos com as improváveis bandas sonoras onde Gato Barbieri e Fernando Solanas se destacam com, respectivamente, "Last Tango in Paris" e "Vuelvo al Sur" ou até mesmo o raiar dos conceitos da «milonga» e da dança «chacarera», sugando-lhes a sua provável origem africana, devidamente contextualizadas na linguagem corrente do dub e electrónicas dispersas.

Há ainda espaço para algumas mensagens políticas subliminares presentes em "Queremos Paz" (com a voz do também argentino Che Guevara), "El Capitalismo Foráneo" (onde se escuta um sample da voz de Eva Perón discursando a propósito da acção do capitalismo internacional na América sulista), tal e qual como alguns músicos incentivavam à resistência do povo durante a ditadura militar.

Um registo notável para ouvir e dançar aos pares...

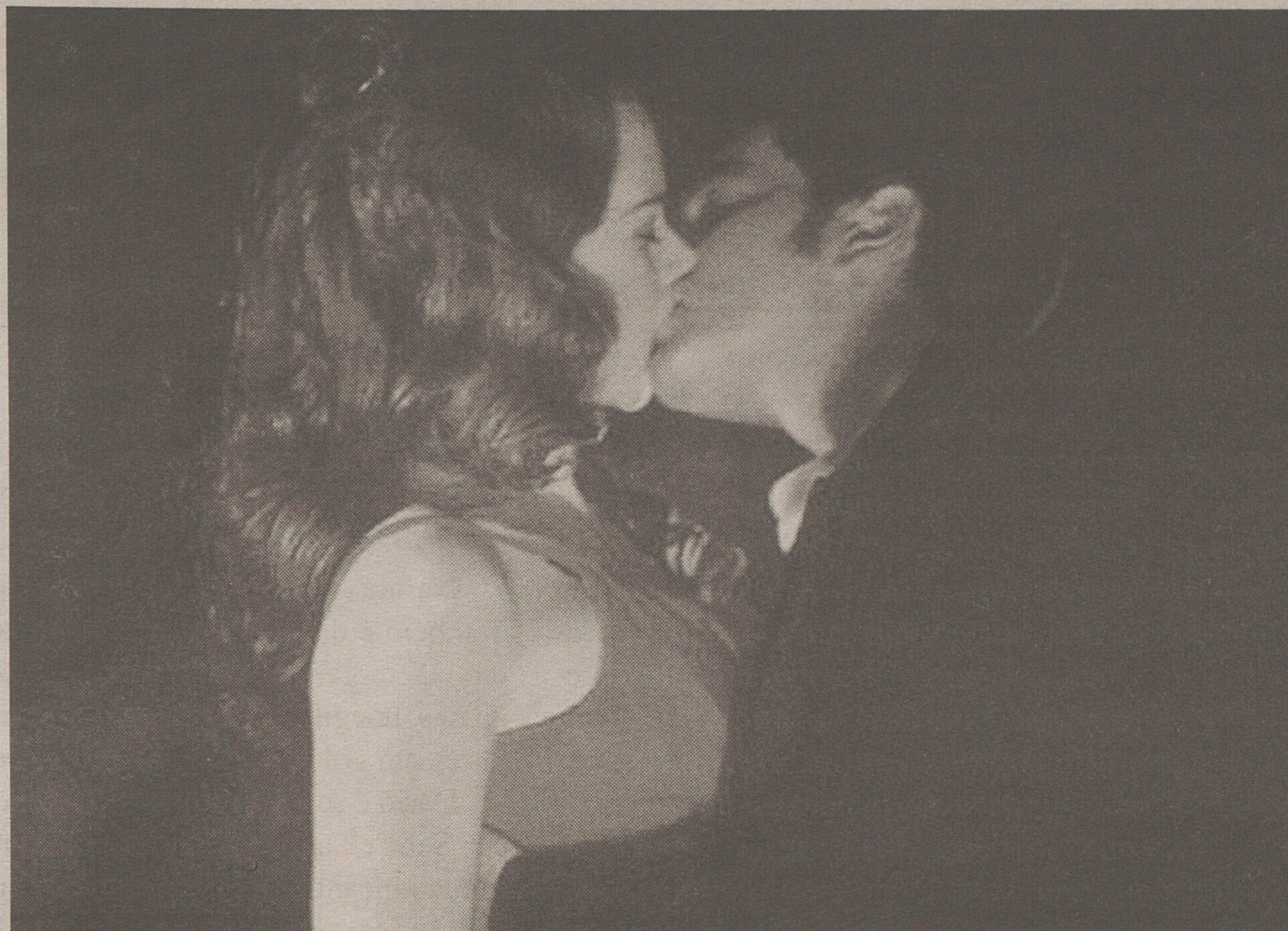


F e i t a s

“moulin rouge” - Baz Luhrmann (2001)

Jorge Vaz Nande

Será “Moulin Rouge” um bom filme? Poderá ser que, apesar dos excelentes cenários, fotografia e vestuário, ele caia numa mediania enjoativa e defraude as expectativas de quem tem vindo a assistir a uma campanha publicitária iniciada ainda durante a fase de produção? Pode, e Baz Luhrmann, realizador australiano com experiência teatral e ainda escassa produção cinematográfica, consegue prová-lo. “Moulin Rouge” demarca-se desde logo pelo seu ritmo lancinante, com planos rapidíssimos. Este tipo de filmagem, apelidado de “estilo MTV” (expressão redutora face às realizações de autores como Spike Jonze e Chris Cunningham, autores de vídeos musicais com conteúdo artístico válido e não meramente comercial), tem um duplo efeito pernicioso. Por um lado, cansa o espectador, que se habitua desde o início àquela rapidez torpe e acaba por se perder no meio de uma torrente de emoções xaroposas em que não se entrevê um clímax. Por outro, impede a percepção de um aparato visual criado com o objectivo claro de criar uma ilusão. O espectador não consegue perceber os movimentos dos actores, perde o sentido das coreografias e esquece-se dos cenários, porque se desorienta em mu-



danças de perspectiva contínuas que deixam um sabor a futilidade. A ilusão perde-se, pois os planos de câmara ao ombro ou em câmara lenta chamam-nos repetidamente para a realidade. Pode sempre dizer-se que talvez Luhrmann tenha querido desde o início ser kitsch, e o kitsch, que é a embriaguez extraordinária de um espírito narcisista, adequar-se-ia à história de um jovem poeta inglês que procura o amor ro-

mântico na boémia parisiense do fim do século XIX. Mas o kitsch de “Moulin Rouge” aparece como um acidente, não como um instrumento usado para erigir um monumento ao sonho. Muito se tem falado também sobre a banda sonora e, na verdade, não se pode dizer que as adaptações dos Beatles, David Bowie, Elton John ou U2 choquem com o ambiente histórico, porque ele é aqui só um pretexto para a aluci-

nação, não havendo a preocupação de recriar uma época. “Moulin Rouge” estará assim mais próximo das animações da Disney do que dos musicais clássicos, com um quarteto cómico que lembra os peixes d’ “A Pequena Sereia” ou o serviço de chá d’ “A Bela e o Monstro” e uma fórmula muito semelhante à desses filmes (os apaixonados em segredo, uma figura paternal ambígua, uma presença ameaçadora que deseja a mulher). Porém, na Disney, os números musicais vêm de uma concepção clássica: são núcleos que condensam e redireccionam a história. Aqui, a imagem e a história são instrumentos para a inserção das músicas, resultando numa colagem confusa de quadros soltos que se perde a si mesma no meio e não sabe como ou para onde regressar. Fica a impressão que Luhrmann arquitectou uma história apenas para poder realizar de uma vez só todos os videoclips que gostaria de ter realizado, mantendo os temas que já havíamos visto em “Romeu e Julieta” (os amados que não se podem amar pela oposição dos universos a que pertencem), como se almejassem um estatuto de autor pela repetição de idiotices telenovelas. Não que isso seja uma questão importante, mas, se assim for, Luhrmann será, no máximo, um autor idiota.



“LIVRO DE VERSOS DE ÁLVARO DE CAMPOS”

EDIÇÃO CRÍTICA DE TERESA RITA LOPES (ED. ESTAMPA)

Gonçalo Duarte

Esta não será uma escolha fácil. Aventurar-se numa edição crítica da obra de Álvaro de Campos será tarefa arriscada para quem não tiver previamente um conhecimento suficiente da obra pessoana. Campos, como qualquer outro heterónimo de Pessoa, não se lê horizontalmente, senão em relação com o seu criador, com os seus co-heterónimos, e, enfim, com todo o projecto cultural que está por detrás da criação pessoana.

Com efeito, Fernando Pessoa propôs-se a conceber uma nova cultura, procurou, através dos seus desdobramentos, gerar toda uma nova geração cultural, substanciada num novo modelo de civilização que fizesse ressurgir a “raça adormecida”, pelo repúdio do movimento saudosista (com que o próprio Pessoa contactou de perto) e pela afirmação de uma nova doutrina, o sensacionismo. Os heterónimos servem esse propósito: Alberto Caeiro tornar-se-ia o mestre, o introdutor dos princípios básicos dessa nova doutrina, que consiste na primazia das sensações como ponte para o conhecimento; e a sua “morte” precoce possibilitava aos seus discípulos (Ricardo Reis e Álvaro de Campos) a propagação das suas ideias - antagonicamente,

pois Reis recuperava os ideais classicistas e Campos seguia as tendências modernas.

O “fingimento” pessoano (recuando ao sentido etimológico de “ficção”, que é o de modelar, criar mundos), no qual assenta a criação heteronímica, vai inevitavelmente conciliar-se com o neo-paganismo defendido na sua obra. O regresso a uma multiplicidade de deuses encontra paralelo na fragmentação da identidade. É Campos quem melhor o exprimirá, num verso da ode sensacionista «Passagem das Horas»: “E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente”. A despersonalização do poeta em várias máscaras persegue, afinal, um rosto maior - um rosto em que caibam todas as vivências, todas as sensações. “Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!”, exclama Campos no final da «Ode Triunfal».

A criação dos heterónimos obedece a um rigoroso processo de atribuição de personalidade própria e de estilo literário a cada um deles. O engenheiro Álvaro de Campos é o mais complexo de todos (como nos diz Teresa Rita Lopes, na apresentação do livro, “é uma obra cuja arquitectura sempre esteve implícita no espírito do seu criador, embora ele nunca a tivesse explicitado”): para a sua vida e obra, estiveram previstos um princípio e um fim e uma evolução. A

autora desta edição procurou fazer cumprir o projecto pessoano para Campos, ordenando a sua obra poética em quatro fases: a do «Poeta Decadente» (1913-14), que antecede o contacto com o Mestre Caeiro, a fase simbolista do célebre poema «Opiário»; a do «Engenheiro Sensacionista» (1914-23), fase de maior pujança intelectual e artística de Campos, onde se salientam obrigatoriamente as suas «Ode Triunfal», «Ode Marítima», «Saudação a Walt Whitman» e «A Passagem das Horas»; a do «Engenheiro Metafísico» (1923-30), em que as angústias existenciais de Campos o aproximam de Pessoa, e de que resultam poemas como «Tabacaria» e «Aniversário»; por fim, a do «Engenheiro Aposentado» (1931-35), que apresentam um Campos desencantado com a vida, e que encerra com o conhecido poema «Todas as cartas de amor são / Ridículas».

O sensacionismo de Campos alia aos ensinamentos de Caeiro a intelectualização. É a manifestação mais completa e interessante do projecto pessoano. Campos é um homem dos tempos modernos, que procura sentir de todas as maneiras o seu próprio tempo. No entanto, os seus gostos cosmopolitas, a sua aventura futurista, o seu comprazimento com as máquinas e as viagens, as suas vivências bissexuais, a

tentativa, enfim, de transmutar-se na vertigem do que o rodeia, coexistirão com o tédio existencial, o cansaço da civilização, a angústia metafísica e a tendência para a frustração que o conectam como o irmão mais próximo de Pessoa.



Introdução, transcrição, organização e notas de

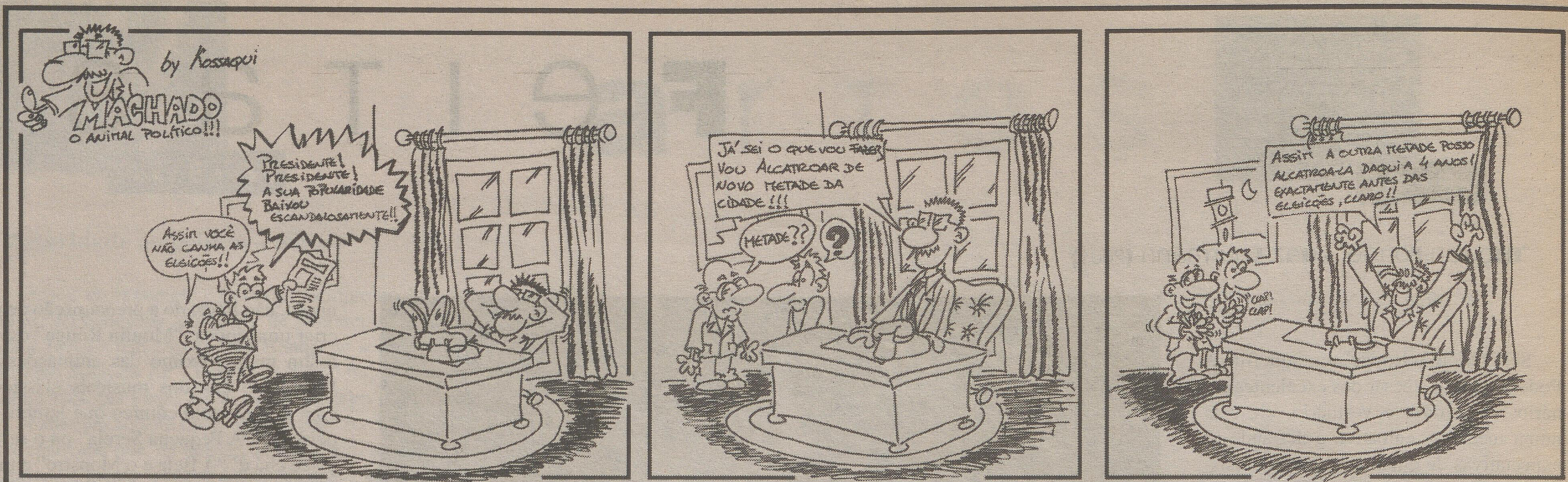
Teresa Rita Lopes

ÁLVARO DE CAMPOS
LIVRO DE VERSOS

Edição Crítica



referência / editorial estampa



Cartão de sócio da AAC

Os sócios da Associação Académica de Coimbra (AAC) já podem ter o seu cartão de associado. Tudo porque a Direcção Geral da AAC (DG/AAC) decidiu avançar com um projecto de criação de um documento identificativo da ligação que une estudantes e a instituição que os representa. Este processo iniciou-se na recepção ao caloiro, com a adesão voluntária dos recém-chegados à academia a este documento, mas pretende englobar todos os estudantes da Universidade de Coimbra (UC), pelo que, dentro em breve, serão realizadas várias campanhas de sensibilização junto de todos os membros da AAC.

Embora todos os alunos da UC sejam, à partida, sócios de pleno direito da academia, este cartão pretende presentear os interessados com um conjunto de vantagens variadas e não, como muitos afirmam, marcar qualquer tipo de distinção, como explica Humberto Martins, presidente da DG/AAC.

Este documento possui, à partida, uma banda magnética, deixando desde logo uma potencialidade futura imensa aos estudantes que o adoptem. Neste sentido, estão a ser encetadas várias diligências junto a diversas identidades, com o intuito de se estabelecerem protocolos visando a obtenção de descontos e outras regalias para os portadores deste cartão.

Dar o corpo ao manifesto

A Oficina de Movimento volta à acção com duas iniciativas agendadas para esta semana. Já no dia 26, esta associação promove o lançamento em Coimbra da revista de Dança Contemporânea "Espaço Corpo". Esta publicação caracteriza-se por ser a única do seu género em Portugal, e conta com os escritos de coreógrafos e dançarinos desta expressão artística, entre outros profissionais. Prevista para as 18h00 no Café-Teatro do Teatro Académico de Gil Vicente, esta apresentação concretizar-se-á sob a forma de uma conferência performance.

Para quem quer fazer brotar a música de um impulso interior, ou vice-versa, a Oficina organiza um workshop/atelier no dia seguinte (dia 27), que será dirigido por Jessica Hénou. Este acontecimento está enquadrado na missão de "experimentação, criação e informação" que define os objectivos dos responsáveis pela Oficina do Movimento. Continua aberta à população a participação no "Movimento para Teatro Dança", trabalho de fundo desenvolvido por Rui Quinteiro, às terças e quintas das 20h30 às 22h30.

O Duque de Viseu

Daniel Belo Mendes

Custa-me um bocado começar a falar de futebol assim, a seco. Em cada fim de semana os amarelos jogam com os verdes, os brancos perdem com os pretos, e os azuis riem-se dos vermelhos, que levaram três em casa dos das riscas que até estavam a fazer um mau campeonato. É uma ciência magnífica. Nunca falha, e o povo gosta.

Académica? A verdade dos factos não me deixa mentir - esta temporada de Segunda Liga tem corrido muito bem. A equipa arrancou para o campeonato no lote dos crónicos favoritos à subida de divisão, e apesar de algumas falhas no plantel disfarçadas pela polivalência e mestria de alguns jogadores, tem vindo, à custa de bons jogos, a justificar o lugar que ocupa na tabela.

Será que é este ano que voltamos à Primeira? Enquanto não se sabe, recomendo um Duque de Viseu - tinto do Dão, colheita de 1998, que segundo o rótulo «revela, na boca, um equilíbrio e elegância entre todos os seus componentes, formando um todo muito vivo, estimulante e agradável de beber». Nada mal.

Da Brios, duas ou três notas de destaque sem querer desfazer os que ficam de fora, que no campo jogam sempre onze.

Márcio Santos. Uma época de estreia em Coimbra que tem corrido bastante bem a este jovem guarda-redes. Bons reflexos, com coragem a sair dos postes, já salvou pontos importantes em mais que um jogo. Tem sido titular indiscutível, e bem.

No centro da defesa, vai ganhando calo a dupla formada por Tonel - emprestado pelo Porto, seguro a marcar e forte no jogo aéreo - e Dyduch, com o Francês a mostrar que também marca, com quatro golos no que levamos de Liga.

A jogar em todo o campo, Lucas tem vindo a revelar-se como um dos melhores jogadores da Brios. Na defesa faz bem os dois lados e como médio defensivo, mais à vontade, é o pulmão da

equipa.

Na ala esquerda manda o Alhandra. Também é do Porto. Rápido, bom a fintar, saem-lhe dos pés cruzamentos e passes teleguiados que acabam muitas vezes em golo. É um regalo vê-lo jogar.

Dário é sem dúvida a estrela da equipa. Sem exageros, há-que dizer que o Moçambicano é mesmo muito bom jogador. Marca e dá a marcar, enche o campo de fantasia e passa 90 minutos a sentar os defesas adversários. Um fora de série!

Nota final para Kibuey, que mesmo não fazendo golos de empreitada, se farta de receber porrada e mal viver dos defesas contrários, abrindo espaços para os colegas. É um trabalho desagradável, mas o ponta de lança congolês não vira a cara à luta. Além disso, é um moço muito simpático.

Duas linhas à Gabriel Alves: Joga-se num esquema 4-3-3, futebol de passe curto, apoiado, a apostar nas desmarcações rápidas e jogadas pelos flancos com cruzamentos para a zona do ponta de lança. Mais ou menos assim.

Feitas as apresentações vamos olhar para os jogos, que se faz tarde, e já ninguém tem pena de não ter tempo para ler jornais.

Primeira jornada com o Penafiel em casa. Três na pá, um do Tonel e dois do Dário. Bom jogo de bola. Segundo jogo em Ovar, num estádio de futebol que de estádio só mesmo o nome. Empate a dois, dois golos do Dyduch - excelente partida do defesa central. De volta a Coimbra, uma vitória nervosa frente à Oliveirense. Kibuey, estilo matador, marcou os golos dos pontos, num 2-1 de qualidade sofrível. Em Portimão, o apocalipse à quarta jornada. Derrota por dois a zero, com golos perdidos e a defesa incapaz de travar os avançados do Portimonense. De positivo nesse fim de semana algarvio só o sol, e as águas do mar com temperaturas apazíveis e fraca ondulação. Um autêntico postal ilustrado.

No calhabé seguiu-se o Campomaioirense. Vitória por dois a um (Alhandra e Dyduch), a confirmar o bom desempenho da Brios em casa, com jogos sempre à noite. À sexta jornada deslocação à Maia para o melhor jogo da Académica até à data. A perder dois a zero ao intervalo, ganhou-se por 3-2, uma reviravolta espectacular imprópria para cardíacos (que continua a ser um bom lugar comum), com golos de Dário, Dyduch e Alhandra.

Ao domingo seguinte recepção ao Leça. O 3-1 final não mostra os apertos que os de Coimbra sentiram. Foi difícil. Dois do Dário, outro do Paulo Adriano.

À oitava jornada, viagem chuvosa a Vila do Conde para um empate a dois com o Rio Ave, depois das equipas terem ido para intervalo com a Académica a vencer 2-0. Uma segunda parte para esquecer, valeram os golos de Dário e Luís Nunes, e o pontito que se trouxe na bagagem.

Fresca está ainda a vitória em casa, à noite uma vez mais, contra o União de Lamas, por 3-1. Dois golos de Kibuey, e um auto-golo do capitão dos visitantes. É galo!

De ponto em ponto a Académica soma 20, os mesmos do Nacional da Madeira com quem divide a liderança da II Liga. A um de diferença o Desportivo das Aves, em quarto o Chaves com 17, com o Campomaioirense em quinto na tabela com 16 pontos.

O vinho é mesmo bom. Talvez um pouco seco para algumas bocas, mas acompanha bem carnes, queijos e enchidos. Quem preferir o tinto mais leve, atente o copo a um Monte Velho de colheita recente. Alentejano que se preze, nunca nos deixa ficar mal.

O futebol. Nos jogos em casa a entrada é à borla para universitários de preto trajados e estudantes avulso com menos de 18 anos, e a Brios joga todos os fins de semana na última das estações que o vosso rádio apanha. Não há que enganar.

Curso de jornalismo do Jornal Universitário - A CABRA
Provavelmente o melhor curso de jornalismo a oeste dos lagos de Band-i-Amir

Inscrições abertas até 31 de Outubro